

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL

**O PAPEL SOCIAL DA MULHER DE BAIXA RENDA QUE
EXERCE A PROSTITUIÇÃO NOS GRANDES CENTROS URBANOS:**
Um estudo comparativo sobre a vida das prostitutas do centro
histórico das cidades de Salvador e de Belo Horizonte.

Roseli Consoli do Prado

Belo Horizonte
Junho de 2005

ROSELI CONSOLI DO PRADO

**O PAPEL SOCIAL DA MULHER DE BAIXA RENDA QUE
EXERCE A PROSTITUIÇÃO NOS GRANDES CENTROS URBANOS:**
Um estudo comparativo sobre a vida das prostitutas do centro
histórico das cidades de Salvador e de Belo Horizonte.

Monografia apresentada pela aluna
Roseli Consoli do Prado, ao Curso de
Graduação em Serviço Social da
Pontifícia Universidade Católica de
Belo Horizonte, como requisito parcial
para obtenção do Grau de bacharel
em Serviço social, sob a orientação
da Prof^a. Dr^a Maria Margarida Barbosa

Belo Horizonte

Junho de 2005

Roseli Consoli do Prado

O papel social da mulher de baixa renda que exerce a prostituição nos grandes centros urbanos: um estudo comparativo sobre a vida das prostitutas do centro histórico das cidades de Salvador e de Belo Horizonte.

Trabalho apresentado a disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, da Escola de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de Belo Horizonte, 2005.

Profª Drª. Maria Margarida Barbosa (Orientadora) – PUC Minas

Rosinha Borges Dias (Assistente Social)

Profª Dra. Regina Célia Pereira Campos (psicóloga social)

Dedico a cada Irmã Oblata do Santíssimo Redentor,
que, ao longo dos 70 anos de presença no Brasil,
sente interpelação que nos chega desde a
realidade na qual se encontram tantas
mulheres situação de prostituição,

A cada integrante do Projeto Força Feminina (BA)
e da Pastoral da Mulher (Belo Horizonte) com
quem partilho os sonhos de construir
com as mulheres caminhos de humanização

E especialmente a cada uma das mulheres da
“batalha” que questionam minha visão e
motivam-me a compreender a realidade
complexa na qual elas vivem.

AGRADECIMENTOS

- Ao Deus da vida por me dar força e perseverança para concluir este curso.
- À Professora Maria Margarida Barbosa pela orientação, competência e pelo incentivo, sem o qual não tornaria possível este trabalho.
- À Rosinha Borges Dias e Regina Célia Pereira Campos pela participação na banca.
- A cada uma das pessoas que contribuíram na sistematização e leitura dos dados e da pesquisa, serviços de digitação e correções diversas.
- Às funcionárias e aos funcionários, colegas e professores da Escola de Serviço Social PUCMINAS, pela dedicação e companheirismo.

“... a prostituição é um fenômeno tão complexo e abrange âmbitos tão variados que nenhuma das posturas saberá responder certa e completamente às necessidades das mulheres que a exercem. Faz-se necessário um replanteamento profundo da estrutura ideológica de nossas sociedades frente a esta realidade social.”

Gabino Matos

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	08
2	COMO A SOCIEDADE VÊ A PROSTITUIÇÃO AO LONGO DA HISTÓRIA	14
2.1	Situando e conceituando	16
2.1.2	A indústria do Sexo.....	19
2.2	A prostituição na História	21
2.2.1	Nas origens	21
2.2.2	A Prostituição no Brasil	26
2.2.2.1	A prostituição durante o período Colonial	27
2.2.2.2	A prostituição no fim do Séc. XIX e XX	28
2.2.2.3	A prostituição na contemporaneidade	32
3	REPRESENTAÇÃO SOCIAL, ESTIGMA E PAPEL SOCIAL NA PROSTITUIÇÃO	35
3.1	Representação Social e Prostituição	37
3.2	O Estigma Social e Prostituição	41
3.3	Papel Social e Prostituição	42
4	A PROSTITUIÇÃO DAS MULHERES DE BAIXA RENDA: NA REGIÃO CENTRAL DE DUAS GRANDES CIDADES: SALVADOR E BELO HORIZONTE.....	46
3.1	A região central das duas grandes cidades	48
3.2	O Centro Histórico de Salvador	49
3.2.1	O Pelourinho	50
3.2.2	A história da zona de Prostituição no Pelourinho	51
3.2.3	O Perfil da mulher que exerce a prostituição no Pelourinho	53

3.3	Prostituição na Lagoinha e Região Central de Belo Horizonte	55
3.3.1	A Lagoinha	56
3.3.2	Situação atual da prostituição na Região Central	58
3.3.3	Os hotéis de alta Rotatividade	59
3.3.4	A prostituição na Praça da Rodoviária	61
3.3.5	Perfil da mulher que exerce a prostituição na região central de Belo Horizonte.....	63
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	76
7	ANEXOS	80

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, o imenso contraste existente entre os nossos indicadores econômicos e os nossos indicadores sociais revela uma economia, um índice de industrialização e sofisticação tecnológicas iguais ou superiores a de muitos países europeus, situando o país como a 9ª economia do mundo ocidental. Em contrapartida, os índices sociais são de nível afro-asiático, colocando relevantes indicadores do Brasil em posição inferior à de países como as Filipinas ou a Tailândia.

Nosso país apresenta um grau de heterogeneidade e de iniquidade social tão acentuado como nenhum outro país do mundo. O Índice de Gini¹ do Brasil é um dos maiores do mundo: 0,591 em 2004, revelando uma enorme desigualdade. Pesquisas revelam que um terço das famílias brasileiras vive abaixo da linha da pobreza, em nível de miséria, assim entendida como a condição daqueles em que o ingresso familiar é inferior a meio salário mínimo, condenando-se a um estado de crônica subnutrição. Um quarto das famílias se situa em nível de estreita pobreza, com rendimento de um a dois salários mínimos, suficiente para atender as necessidades nutricionais, não lhes proporcionando praticamente nenhum acesso ao consumo dos bens da sociedade industrial.

Olhando a estrutura de desigualdade do Brasil, percebemos que os 10% mais ricos ficam com 50% do total da renda, enquanto os 50% mais pobres ficam com apenas 10% da renda gerada no País... Metade da população se apropria de menos renda do que a quantidade apropriada por 1% da população mais rica do Brasil. (IDHS, 2004, p 14)

¹ Índice pelo qual é medida a concentração de renda de uma sociedade, e se a renda está sendo bem distribuída entre seus habitantes. É apresentada em valores que variam de 0 a 1 (quanto maior o valor maior a desigualdade.).

Essa realidade desigual, consequência deste sistema injusto, leva à ocorrência de vários fenômenos sociais que repercutem nos indivíduos, principalmente nos mais pobres. Esses fenômenos fazem com que as pessoas percam os seus referenciais, seus valores, dignidade, enfim, a noção de ser um/a cidadã/o, sujeito de direitos. Isso leva a um estado de anomia, descaso e miséria no qual a classe menos favorecida se encontra. Essa realidade, somada a diversos outros fatores, contribui para o envolvimento de muitas mulheres de baixa renda na prostituição.

No mundo de hoje, a iniciativa do governo brasileiro, no sentido de atender a determinação das Organizações das Nações Unidas (ONU) em reduzir o número da população que vive na extrema pobreza até o ano de 2015, é, em verdade, imensamente simplória e quase nada objetiva.

Nessa caminhada de combate à pobreza pelo crescimento econômico, o Brasil tem conseguido, ainda que de forma tênue, minimizar a extrema pobreza – a miséria –, mas a pobreza envolve mais e mais pessoas. O fato é que a redução da desigualdade social é o principal fator realmente capaz de causar impacto e reduzir a pobreza – não o crescimento econômico.

Frente à essa realidade, o “fenômeno prostitucional” se fortalece, recebendo, por dia, um número sem conta de novas prostitutas, em contrapartida de um vexatório – insignificante, mesmo – número de prostitutas que abandonam essa prática, assumindo outras atividades remuneradas.

Por ter conhecimento dessas questões, pois trabalho com as mulheres nessa área há muito tempo, é que optei por fazer do assunto o meu tema de monografia.

Dos dez anos de experiência de atuação junto às mulheres que exercem a prostituição, sete anos foram em Salvador e três em Belo Horizonte.

No ano de 2002, estava cursando a matéria de iniciação à pesquisa. Optei pelo assunto mulher e prostituição, dando ênfase ao tema da prostituição da mulher de baixa renda que atua no Centro Histórico de Salvador por ser a área em que atuava e que desejava investigar mais.

A convivência com as mulheres, os momentos de encontros, a partilha de vida são ricas experiências que me ensinam mais da realidade do significado da vida e da própria prostituição para as mulheres.

Provoca-me a rever e des-construir uma série de conceitos e pré-conceitos, e aprofundar o sentido, lendo com outros olhos a realidade das mulheres que exercem a prostituição.

Em 2005, cursando o 9º período do Curso, agora vivendo em Belo Horizonte, MG, constatei na orientação ao Trabalho de Conclusão de Curso a possibilidade da continuação da pesquisa através da monografia.

Fiquei contente por poder retomar o tema da prostituição e aprofundar mais o conhecimento teórico sobre esse fenômeno.

Embora o local seja outro, a inquietação de investigar, identificar e esclarecer os fatores e motivações que levam mulheres a ingressarem nesse ofício continua aflorando em mim muitas perguntas que continuam me instigando e desafiando a investigação:

- Qual a motivação que leva a mulher pobre, que exerce a prostituição, a optar por essa atividade?
- Qual o posicionamento da mulher que exerce a prostituição e da sua família frente à atividade exercida?
- Como a mulher que se prostitui reage frente à visão que a sociedade mantém sobre o exercício nas diferentes relações sociais?

Como o local da pesquisa agora é outro, Belo Horizonte, reapliquei o mesmo questionário à mesma quantidade de mulheres (vinte), decidindo fazer um trabalho comparativo.

Desde a retomada do trabalho, outras indagações têm movido e aumentado o desejo de compreender melhor o que significa essa atividade para as mulheres que a exercem, como elas se vêem exercendo essa atividade e como elas são percebidas pela sociedade. Como, e de que forma, elas internalizam e expõem, através dos comportamentos e respostas, maneiras e caminhos para burlar ou enfrentar os preconceitos impostos pelo sistema? Como perceber o entendimento dos diferentes papéis que essas mulheres vivenciam nos diferentes espaços sociais?

Frente a esse recorte teórico, procurei centralizar o trabalho no baixo meretrício, com o objetivo de refletir sobre a vida das mulheres pobres que vivem da renda usufruída na prostituição, a exercem na região central das cidades de Salvador e Belo Horizonte, tentando entender a representação que fazem de seu papel na sociedade.

Elaborei como questão básica: Qual o papel social ocupado pelas mulheres que exercem a prostituição na região central de Salvador e Belo Horizonte? Como ela se vê na prostituição? Que significa para ela esse ofício? Qual o seu papel social? Quais as semelhanças e diferenças na prostituição existente na região central de Salvador e na região central de Belo Horizonte?

Os procedimentos metodológicos adotados para a elaboração deste trabalho tiveram como base a pesquisa teórica com consultas bibliográficas e os dados que foram obtidos através da aplicação de uma entrevista estruturada, que permitiu obter

diversas informações, e no conhecimento de opiniões, sentimentos, situações vivenciadas e visões teóricas acerca da prostituição.

O local escolhido para a aplicação do questionário foi primeiro na Praça da Sé e Ladeira da Montanha em Salvador. Em seguida, a Praça da Rodoviária de Belo Horizonte, e dois hotéis de prostituição: o Lírio e o Montanhês.

Dada a peculiaridade da população e por não conhecer a sua totalidade, utilizamos a amostragem não probabilística por acessibilidade, por se tratar de uma temática delicada, com a qual as mulheres não querem ser identificadas, admitindo que as que foram entrevistadas podem representar o universo escolhido.

Este trabalho se divide em três capítulos. No primeiro apresentamos como a sociedade vê a prostituição ao longo da história, partindo do fato de situar alguns conceitos, a busca dos significados da prostituição ao longo da história, procurando analisar o significado que ela teve em cada época, até chegar à prostituição no Brasil, que dividimos em três períodos: na época da Colônia, no final do século XIX e século XX e na contemporaneidade.

No segundo capítulo aborda a questão da representação social, estigma e papel social na prostituição.

No terceiro capítulo apresentamos a prostituição das mulheres de baixa renda, em duas grandes cidades: Salvador e Belo Horizonte. Neste capítulo procuramos evidenciar o histórico do “Pelourinho”, bairro onde está situado o chamado baixo meretrício. Depois recorremos ao histórico da prostituição no bairro da Lagoinha e Região Central de Belo Horizonte. Estudando esses locais, procuramos traçar o perfil das mulheres que aí exercem a prostituição.

Encontraremos posteriormente as considerações finais e nelas uma análise comparativa dos dados empíricos, as referências bibliográficas e as tabelas em anexo.

2 COMO A SOCIEDADE VÊ A PROSTITUIÇÃO AO LONGO DA HISTÓRIA

Mulher da Vida

Mulher da Vida, minha Irmã.

De todos os tempos.

De todos os povos.

De todas as latitudes.

Ela vem do fundo imemorial das idades e

carrega a carga pesada dos mais

torpes sinônimos,

apelidos e apodos:

Mulher da zona,

Mulher da rua,

Mulher perdida,

Mulher à-toa.

Mulher da Vida, minha irmã.

Pisadas, espezinhadas, ameaçadas.

Desprotegidas e exploradas.

Ignoradas da Lei, da Justiça e do Direito.

(Cora Coralina)

2. 1 Situando e conceituando

Nós, seres humanos, somos pessoas que nos diferenciamos dos animais porque fazemos história, somos seres históricos, damos significado e sentido a tudo o que fazemos. A busca de significado é um dado essencial da cultura.

Cada época histórica promove seus valores, interpretações acerca dos fenômenos, e a partir daí, realiza leituras e determina suas ações. Entre esses fenômenos vamos abordar o da prostituição, um fenômeno social antigo que, ao longo da História, teve diversas significações e representações. Hoje apresenta um contínuo crescimento com diferentes perfis de maior diversidade e complexidade, existindo diferentes leituras e posturas frente a essa realidade.

Como relata Jimenez (1999), o fenômeno da prostituição está socialmente construída sobre a base de justificações ideológicas que a fomentam, existindo diferentes teorias que tentam explicar o fenômeno, embora nenhuma delas esgote uma realidade tão complexa. Porém, é necessário assinalar que a maioria da literatura acerca da prostituição não explica o fenômeno social. Este fica personalizado na figura da mulher, chegando a confundir prostituição com prostituta e a esquecer os outros agentes que intervêm como fatores condicionantes de um fenômeno tão complexo.

Conforme afirma o documento de Hetaira (2000), “As situações das pessoas que exercem a prostituição são muito variadas, porém todas elas são muito mal vistas socialmente e sobre elas recai uma condenação moral que as estigmatiza em diferentes graus” (HETAIRA, 2000: 1).

Isto ocorre porque a prostituição se rege por uma dupla moral cultural da opinião pública, que se dá de forma contraditória, devido ao estigma e ao

preconceito, ela sempre vem associada à idéia de marginalidade. Sendo assim, na cultura das idéias e dos valores, a mulher que exerce a prostituição é rejeitada, estigmatizada, marginalizada; porém, na vida cotidiana, no real do dia a dia, se lhe destina uma função social reconhecida, em que a prostituição passa a ser vista como uma possibilidade de remuneração. “A prostituição é o novo e grande mercado controlado por máfias do mundo inteiro, uma organização que produz o terceiro volume de dinheiro, perdendo apenas para o tráfico de drogas e de armas” (SEM FRONTEIRAS, 2000: 28).

Historicamente, na maioria dos países as mulheres têm ocupado uma posição subordinada em relação aos homens, estando em situação de desvantagem no mercado de trabalho, auferindo renda sempre inferior. Por isso mesmo na questão da prostituição geralmente as mulheres aparecem como “mercadorias a serem compradas e os homens como os compradores.” (ESPINHEIRA, 1984: 39).

Atualmente, o modelo neoliberal gerador de miséria e exclusão vem produzindo um aumento na pobreza, no desemprego, a perda de identidade e de cultura, além de uma corrupta política social e econômica. Esses são fatores que vêm contribuir para o aumento de muitas mulheres pobres ingressarem na prostituição, fazendo dessa uma das alternativas de geração de renda. Assim, passam a “ganhar a vida”, “batalhando”, vendendo o corpo para não morrer de fome.

Ressalta-se assim o aspecto econômico inerente à prática da prostituição, “configurando-a um empreendimento comercial que visa à obtenção de ganhos financeiros, uma prática do ato sexual com fins de lucro, uma estrutura de prestação de serviços sexuais, definida sob o ponto de vista da troca”, conforme conceitua Espinheira (1984). É como um negócio que está socialmente estruturado e organizado em função dos princípios da oferta e da demanda, servindo para formar

e sustentar uma instituição destinada a perpetuar a dominação do homem sobre a mulher, dos que têm melhores condições econômicas sobre os que não têm.

Espinheira (1984) segue explicando que alguns autores mais radicais entendem a prostituição como o estado generalizado da mulher na sociedade, e não apenas um grupo minoritário, incluindo até mesmo as mulheres casadas. Esses autores dizem que a prostituição a rigor é “o pagamento recebido (qualquer que seja ele) para, em troca, servir sexualmente a alguém” (ESPINHEIRA, 1984:39). Segundo esses autores, até as mulheres casadas são vistas como prostitutas, pois o casamento é visto também como a venda da mulher ao homem, só que socialmente legitimado.

Porém, essa lógica não é aceita no sentido sócio cultural, que faz a diferenciação entre o casamento e a prostituição e os distingue colocando-os em pólos opostos. Sendo concebido o vender-se para a prostituição como uma deturpação do sentido do ato sexual legitimado pelos costumes ou pelo casamento, transformando-o em fonte de renda.

Essas reflexões de cunho sociológico reafirmam que a prostituição é um fenômeno resultante de fatores de ordem econômica e social, e que

as mulheres são compelidas à prostituição devido às razões econômicas e sociais, diferentemente das teorias de tipo psicológica que acreditam que os determinantes para o ingresso na prostituição são condicionantes psicológicos ou um desvio de personalidade analisando a prostituição não como resultado de condições sociais, mas de alguma causa profunda na natureza das mulheres prostituídas (WEININGER apud ESPINHEIRA, 1984: 42).

Permitida e desprezada, a prostituição acaba sendo definida como uma ocupação econômica legítima, e não como uma conduta sexual imoral de um grande número de pessoas. Do mesmo modo que a sociedade condena, despreza e isola a

prostituição, quem a pratica permite que ela exista, legitimando o seu exercício. Por não conseguir impedir sua existência e expansão, o exercício dessa atividade passa a ser, em última instância, condicionado pelo tipo específico da estrutura social em que é praticada.

Espinheira (1984) compara o sistema social com uma caldeira a vapor que necessita de válvulas de escape para deixar sair o excesso de pressão, impedindo que as tensões se transformem em força de destruição da própria ordem normativa. Isto abre no sistema perspectivas para uma margem de inconformidade que funciona como neutralizadora de tensões acumuladas, constituindo uma margem institucionalizada de comportamentos divergentes. Assim, “a prostituição, consequência das desigualdades sociais e pressões econômicas, é aproveitada social e economicamente, tornando-se o que se costuma chamar de mal necessário.” (ESPINHEIRA, 1984: 45).

Esse fenômeno que envolve a estrutura da sociedade; que é constituído pelas condições econômicas precárias e desprestígio social, bem como as pressões sócio-econômicas, continuam levando cada vez mais mulheres pobres para as atividades prostitucionais que se organizam em modelos empresariais, chamado hoje de indústria do sexo.

2.1.2 A indústria do Sexo

A prostituição vista como uma indústria do sexo é uma referência encontrada em PATIÑO (1998), que faz uma consideração da prostituição como uma indústria organizada a níveis locais, nacional e internacional, sendo vista como “uma

instituição de comercialização do corpo da mulher” (PATIÑO 1998:10). O termo “indústria” se utiliza, de um modo generalizado, quando se refere ao sexo, (que hoje envolve as saunas, serviços de acompanhamento, casas de massagem, hotéis de luxo, turismo sexual e até mesmo a prostituição via internet e telefones eróticos), para assinalar a capacidade que esse “mercado” tem e os meios utilizados para gerar renda interrelacionar-se com outras grandes indústrias. Tal fato indica a proliferação e a diversidade de negócios sexuais, comenta Agustín apud Ortega (2002). Assim sendo, falar de indústria do sexo é falar da existência de um grande mercado que demanda serviços sexuais. Porém, esse é um comércio caracterizado pelas atitudes de desrespeito à dignidade humana, porque torna a pessoa, no caso à mulher que se prostitui, um objeto de compra e dá o poder a outra pessoa, neste caso para o homem, de comprar o direito de usar a mulher por determinado momento.

Nesta indústria, existe uma enorme quantidade de outros atores que se beneficiam explorando esse comércio indiretamente, havendo hoje toda uma rede organizada, que ganha muito dinheiro em cima desta atividade.

Segundo Ortega (2002), essa é uma ocupação temporal, na qual a maioria das pessoas entra para ganhar dinheiro ou melhorar sua situação econômica rapidamente. Normalmente saem da indústria e voltam em outras ocasiões, ou mesmo permanecem nela sem identificarem-se como prostitutas, justificando sua permanência na temporalidade até resolver a questão econômica ou encontrar outro trabalho.

Na indústria da prostituição, a ação sexual é a mercadoria, cuja finalidade é obtenção de rendimentos. É a transação comercial do prazer o que caracteriza esse comércio. A mulher,

como objeto de prazer, vende sua capacidade de proporcionar o prazer a quem deseja que lhe seja proporcionado, em conformidade com as demandas do mercado.

Essa integração ao mercado acontece,

Sobretudo, pela incorporação da linguagem e da lógica de mercado: aceitam-se cartões de crédito; atendem-se em hotéis, motéis e a domicílios, a depender do caso; aceitam-se convites para acompanhamento em almoços, jantares, festas e viagens com pessoas de perfis apropriados à natureza do encontro/evento. (ESPINHEIRA, 1984: 45).

Apesar desse estilo dominante nas camadas médias e altas da sociedade, a prostituição das mulheres pobres se mantém. E essas, por serem pobres, são estigmatizadas, discriminadas, marginalizadas, porém continuam na prostituição por necessidade.

2.2 A prostituição na História

Na análise desse fenômeno ao longo da história, a prostituição, que parte de um fato biológico, foi sendo transformada em um fenômeno social, como comenta Ortega (2002). Isso ocorre em virtude de determinados condicionamentos econômicos, culturais, religiosos e políticos. E, sobre todos eles, há um denominador comum: a prostituição como uma forma simples e primitiva de luta da mulher para sua sobrevivência.

Ao relatar um pouco da história, o fazemos com o objetivo de mostrar como os conceitos acerca do fenômeno da prostituição, que são carregados de ideologia, foram sendo construídos, interpretados e adquiriram significados diferentes ao longo da história.

2.2.1 Nas origens

A existência de prostituição é fato constante e freqüente na história da humanidade. Embora o ditado popular diga que a prostituição “é a profissão mais antiga do mundo”, não se encontram registros entre os povos etnologicamente mais antigos.

Não existe uma data precisa para marcar o início da prostituição. Porém, suas raízes estão situadas no período do matriarcado, quando a matrona era chefe de família, encarregada do sustento e da proteção aos filhos.

Na época em que se efetuou a mudança para a família patriarcal, a mulher sofreu uma perda total do poder que possuía: a propriedade do solo cultivável passou para os filhos varões, e ela deixou de ser dona dos frutos do campo. Com isso, já não podia sustentar-se economicamente. Então, com o domínio do homem e sem meios econômicos, nem todas as mulheres conseguem se manter e acabam iniciando-se no ofício da prostituição.

É nas civilizações avançadas da antigüidade que se originou e desenvolveu a prostituição de forma tipicamente comercializada. Também na Igreja Antiga encontra-se fincada uma raiz de prostituição, chamada “prostituição sacra” ou cultural, de caráter mágico. Esta existiu em todos os povos e culturas do passado. Era organizada pelos sacerdotes, nos templos, que se encarregavam de custodiar as mulheres e arrecadar os ingressos para a manutenção do templo.

Nesta época a prostituição teve certo prestígio, por significar culto a fecundidade e a união do humano e do divino.

No Egito nasceu a prostituição cortesã. Os faraós proibiram a prostituição sagrada. Dessacralizando-a, converteram-na em um fenômeno social, objeto de comércio e regulamentação. Nesse momento se pode dizer que aparece o fenômeno da prostituição como um verdadeiro negócio que é monopolizado pelo Estado.

Já na antiga Grécia existiam prostitutas públicas e privadas. A prostituição era considerada, num primeiro momento, associada à união de Deus com a sexualidade humana, indispensável para a renovação da vida na terra. Neste momento histórico, a prostituição não vinha forçada pela necessidade econômica, e alcança a categoria de assunto de Estado, objeto de muitas leis para salvaguardar a ordem pública, e criar novos recursos fiscais, mediante as contribuições que as prostitutas deviam aportar ao Estado.

Em Roma nasceu o proxenetismo², legalmente autorizado e que contava com a supervisão do Estado. A prostituição adquire neste momento uma função pública. Sob pretexto de evitar o adultério, a prostituição foi tolerada, mas com restrições, pois as prostitutas deviam inscrever-se em um registro especial, receber uma cartilha e era determinada a localidade onde podia exercer seu ofício. Tratava-se de uma regulamentação que as marginalizava totalmente ao negar qualquer direito civil.

As mulheres eram fichadas de forma que seus nomes nunca saíssem das listas, mesmo quando abandonassem a atividade. Quem quisesse humilhar os filhos, netos ou bisnetos das prostitutas podia tirar a certidão pública.” (DIGNITAS, 1993: 21).

² É a qualidade ou profissão do proxeneta (pessoa que ganha dinheiro servindo de intermediário em casos amorosos, explorador da prostituição), tipo de lenocínio que consiste em servir como mediador na libidinagem alheia, favorecer a prostituição, manter prostíbulos (Novo Dicionário Aurélio).

Na Idade Média, com a chamada civilização ocidental-cristã, a prostituição adotou a “forma fechada” quando foram criados os primeiros bordéis, onde as mulheres eram tratadas como escravas.

Na Europa Meridional, formaram-se os primeiros bordéis com as mulheres recrutadas entre peregrinas do Norte, que tentavam ir a Roma e à Palestina, e de lá os bordéis foram espalhados por toda parte. No final do século XV, a grande difusão de sífilis, doença contagiosa transmitida sobretudo pelo contato sexual, em toda a Europa, coincidiu com as crises da Reforma e da Contra-Reforma. Nesse período foi negado o direito de cidadania e as prostitutas foram obrigadas a usar trajes especiais que as distinguiu de outras mulheres e foi introduzida regulamentação para combater o contágio venéreo. Eram leis que adquiriram a forma de regulamento contra a prostituição. A prostituição foi, então, controlada e proibida na maioria das cidades, chegando a ser punida com a pena de morte, e as mulheres que a exerciam neste momento viviam em condições e situações de miséria, e sujeitas à arbitrariedade da polícia.

A revolução econômica no século XVIII e XIX teve conseqüências importantes para as mulheres trabalhadoras. Enquanto uma pequena minoria encontrava emprego nas fábricas, as demais percebiam que a economia não estava se expandindo rápido para lhes proporcionar empregos regulares. Aquelas que conseguiam trabalho – em oficinas de roupas, como costureiras ou operárias ou no serviço doméstico recebiam um salário abaixo do nível de subsistência, o que as obrigava a serem parcialmente dependentes do salário mais elevado de um parceiro do sexo masculino. Não sendo assim, passavam a suplementar seus ganhos através da prostituição.

Nas fábricas, as mulheres recebiam bem menos que os homens, o que as colocava em desvantagem na luta desesperada pela sobrevivência: eram sempre mais pobres que os pobres, desprivilegiadas, até mesmo entre aqueles que nada tinham. As condições econômico-sociais dessas mulheres propiciavam o florescimento sem precedentes da prostituição que se seguiu em todos os países ocidentais que presenciaram sua própria industrialização à medida que o século progredia. Isto fez com que no período da Revolução Industrial, a prostituição aumentasse em toda a Europa, devido ao êxodo rural e às condições de pobreza e promiscuidade das aglomerações urbanas, assim como ocorrem nas grandes cidades da Espanha e da França naquele período.

No final do século XIX, a Espanha se vê marcada pelas grandes revoluções que geraram grandes crises econômicas, políticas e sociais. Madrid foi nesse período uma das cidades mais complexas da Europa. Neste contexto, a situação da mulher era mais agravante, sendo ela explorada e massacrada por esse sistema.

A prostituição em Madrid e nas grandes cidades da Espanha adquiriu características particulares, com a criação de leis que proibiam a prostituição. Ao mesmo tempo, essas mesmas leis incentivavam a prostituição tendo pessoas que se beneficiavam com elas. Neste panorama cresceu, então, a prostituição como meio de sobrevivência, transformando-se em elemento de produção, uma mercadoria a mais nas mãos de uma sociedade que submetia tudo a uma relação de compra e venda, inclusive do corpo. A prostituição passa a ser um modo de vida para muitas mulheres, pois lhes permitia subsistir ou manter o nível econômico, embora tão baixo. A mulher se tornava assim uma mercadoria a mais. Vahillo (1972), autor da época referida, assim retrata a prostituição em Madrid:

O vício de Madri converteu-se de alguns anos para cá num tráfico tão funesto quanto se queira do ponto de vista da moral pública, mas

importantíssimo em sua parte mercantil, pois é um ramo de comércio que sustenta boa parte da população, que poderia sustentar-se através de uma indústria necessária, de um comércio de lícita e primeira necessidade.

Numa das capitais de menor população da Europa, vagueem pelas ruas doze mil jovens belas, cheias de graça, dotadas de encanto, não se entregam voluntariamente aos braços do vício pelo simples prazer de se desonrar. Não se compreende que lutaram com os horrores da miséria, sofreram a ameaça da fome e padeceram os tormentos da escassez.

Julgam os senhores imoral, escandaloso, o fato de nas primeiras horas da noite, vague pelas ruas centrais multidões de seres que por atrativo trazem em si a miséria, e por encanto a desgraça, e não julgam imoral, não crêem ser escandaloso uma pobre mulher dedicada ao trabalho e ao sofrimento de todo o gênero passe catorze horas por dia num imundo saguão, desgastando os olhos e dissipando a juventude para ganhar quando tem trabalho três reais no dia para sustentar casa e família.

...Impõe-se a elas um tributo oficial, onde contribuem para sustentar os encargos do Estado ou do Município, mas em contrapartida as proíbe de transitar livremente pelas vias públicas (VAHILLO, apud Ferreiro, 1998: 58).

Na Espanha havia nesse momento duas correntes de pensamento acerca da prostituição: na primeira linha de pensamento a prostituição era entendida como fatalismo orgânico degenerado, e a mulher prostituída considerada enferma, anormal, vítima de uma constituição degenerada. Sendo assim era considerada daninha para a sociedade, parasita, incapaz de trabalhos regulares. A segunda corrente entende a prostituição como uma determinação social, dizendo que as más condições de vida explicam a conduta que as mulheres em situação de prostituição têm. As mulheres que exerciam a prostituição eram consideradas nesta visão como miseráveis infelizes e não doentes. Miseráveis porque são frutos da miséria e da pobreza.

Na França, durante a primeira metade do século XIX, período em que se deu a industrialização no país, houve um êxodo rural muito grande, muitas mulheres vinham para a capital atrás de um emprego. Como não era possível atender toda a demanda, aconteceu um aumento significativo de mulheres que ingressaram na prostituição. Assim, a prostituição passa a ser vista pelas autoridades como um problema que necessita de controle social, e a polícia recebeu ordem para lutar contra o problema, através de uma série de fiscalizações.

Conforme Nickie (1992), isto se dava através de registros,

Onde as mulheres eram obrigadas a se apresentar mensalmente para inspeção vaginal por um médico da polícia, se estivessem infectadas com alguma doença venérea, eram confinadas compulsoriamente em um hospital-prisão. Havia também regulamentações rígidas que determinavam onde, quando e como elas podiam oferecer seu trabalho... Mais tarde as mulheres foram proibidas de andar juntas, perambular pelas ruas, formar grupos abordar transeuntes e provocar escândalos por seu palavreado livre e roupas indecentes (NICKIE, 1992: 242).

Qualquer violação dessas determinações conduzia a mulher a um período de detenção, em que não tinha o direito de apelação; pois não havendo leis sobre a prostituição, não havia procedimentos legais regulares.

2.2.2 A Prostituição no Brasil

A prostituição como fenômeno na sociedade brasileira é uma constante desde a colônia. Tem sido objeto de estudo a partir da segunda metade do século XX, mas quanto à produção historiográfica existem poucas obras sobre a prostituição em destaque no Brasil. Geralmente fica esquecido da historiografia oficial por tratar-se de uma população marginal à história. Porém, um fato irrefutável é o de que a prostituição permeia todas as classes de uma sociedade. Ela é uma determinante no cotidiano, e uma forma segura de análise dos excluídos da história.

2.2.2.1 A prostituição durante o período Colonial

O período colonial foi marcado por uma sociedade patriarcal, latifundiária e escravocrata, em que a mulher permaneceu, em grande parte reclusa entre os muros da casa grande, e era utilizada com frequência no regime de servidão e escravidão. Com esse sistema servil e sem liberdade de escolha e opção, a prostituição transformou-se com frequência num meio de subsistência para muitas mulheres pobres. Segundo alguns autores, as prostitutas do Brasil colonial “foram úteis para a construção e valorização do seu oposto: as mulheres puras,

identificadas com a Virgem Maria e distantes da sexualidade transgressora” (C.E.M.C.: 1992: 21)³

Nessa realidade, as mulheres que exerciam a prostituição eram vistas como pacificadoras da violência sexual, salvaguarda do casamento moderno e ao mesmo tempo eram taxadas de “mal procedidas” e meretrizes.

Para compreender o significado da prostituição nesse período, é necessário ver como o pano de fundo então existente, que era a pobreza, onde o meretrício era um ofício ou uma forma de trabalho, ligada à mais imediata sobrevivência.

A precariedade das condições materiais de vida empurrava às mulheres para esse ofício... muito comum no quadro de pobreza da Colônia eram mães, pais e maridos consentirem na prostituição de suas filhas e esposas, devido a sua extrema pobreza. Mães e filhas formam um grupo doméstico que se sustenta com a prostituição, seja ela dissimulada ou não (C.E.M.C, 1922: 21).

A prostituta, carregada de preconceitos, como a herdamos hoje no Brasil, nasce, portanto, do conflito entre as duas diferentes idéias e realidades de prostituição existentes: a meretriz de bordel (alto luxo e com aparente permissão para transgredir) e as prostitutas da Colônia que, por razões de sobrevivência, entravam nessa atividade marginal.

2.2.2.2 A prostituição no fim do Séc. XIX e XX

Nesse período, a prostituição é classificada pelo saber médico e criminológico, com pressupostos endógenos, pelos quais as causas do ingresso na prostituição são de ordem individuais (fisiológicas e psíquicas), sendo enfatizada

³ A citação feita é relativa a um caderno de publicações “Comissão Estadual da Mulher catarinense” e, para efeito deste trabalho, todas as referências a esse documento serão apresentadas dessa mesma forma: C.E.M.C.

neste momento “como vício, fermento corrosivo, que tende a alastrar-se e a corromper todo corpo social. Que tende a alastrar-se num crescendo” (MOTTA apud RAGO, 1987: 85).

Também é definida como energia natural e selvagem que irrompe das profundezas do social, e que deveria ser contida para que não transbordasse em práticas ditas desconhecidas e clandestinas. No Brasil, o médico francês Alexandre Parent-Duchâtelet é a influência predominante no meio médico – sanitaria e entre a polícia de costumes. Ele identifica a prostituição “às imundícies do submundo e reflete a nova obsessão com os miasmas e com o lixo, que apavoram as classes dominantes” (RAGO, 1987: 85).

Esse médico defende o projeto regulamentarista aplicado na França desde inícios do século XIX, e realiza um minucioso estudo sobre as origens da prostituição e a vida cotidiana das mulheres em situação de prostituição, através de um levantamento estatístico sobre sua procedência, idade, estado civil, profissão, hábitos, clientela. Nesse estudo preconiza as formas de controle através do confinamento em casas de tolerância e nos bordéis registrados pela polícia.

Seguindo esses passos, os médicos sanitaria e a polícia brasileira, preocupados em conhecer minuciosamente e controlar a vida das mulheres que exercem a prostituição, começam a invadir o submundo e a investigar os hábitos dessas mulheres, procurando acumular todo um conhecimento sobre a sua vida pública. Assim, elas são classificadas, como mulheres, degeneradas e recebem o estereótipo da “puta”, para situá-las para fora do campo da normalidade sexual e social. Assim, constroem a “identidade” da mulher que exerce a prostituição, definindo, além de seus dados pessoais, sua própria constituição orgânica.

Entre as várias causas que favorecem a prostituição pública, destacam-se: a ociosidade, a preguiça, o desejo desmesurado de prazer, o amor ao luxo, a miséria financeira, que leva a mulher a buscar recursos próprios fora do lar, o desprezo pela religião, a falta de educação moral e principalmente o temperamento erótico da mulher. Além disso, os bailes populares e as folias carnavalescas criam condições especiais para a emergência de práticas devassas e pervertidas. (MACEDO apud RAGO, 1987: 86).

Os estudos desta época revelam que a grande maioria das prostitutas provém das camadas mais pobres da população. Rago (1987) explica que, nesta época, a visão da mulher pobre que se prostitui que se difunde é:

associada à imagem da criança ou do selvagem que necessita dos cuidados do Estado e das classes dominantes na condução de sua vida. Imatura, ela é uma pessoa desorientada que se perdeu na vida e que precisa dos socorros dos especialistas para reencontrar o bom caminho e reintegrar-se na sociedade. (RAGO, 1987: 87).

Nesse momento, a prostituição é classificada através de mapas, segundo o qual as mulheres que exercem a prostituição são divididas em classes, gêneros e espécie. Na visão dos médicos "acentua-se que um dos traços mais característicos da personalidade da mulher pública, é a preguiça, a aversão ao trabalho e a perseguição desenfreada do prazer" (RAGO, 1987: 88). Assim no Brasil se reproduz o perfil da mulher que exerce a prostituição desenhado pelos médicos franceses e pela literatura prostitucional.

Com isso, o discurso médico quer enfatizar que a prostituição é a negação dos valores dominantes e uma ameaça de subversão da ordem do mundo masculino. Também enfatizam que o objetivo principal da prostituição é a satisfação do prazer e que, nesta lógica, deve ser enclausurada nas casas de tolerância ou nos bordéis, vigiados pela polícia e pelas autoridades médicas e sanitárias.

Contestado pela campanha abolicionista levada a efeito no último quarto do século, o projeto regulamentarista fracassou no Brasil, no mesmo período que na França. Porém, foi estabelecido um regulamento provisório às prostitutas destinado

a controlar o exercício de sua profissão, e tentar lhes impor um modo de vida rígido, onde todos os horários, gestos, hábitos e maneiras de vestir fossem calculados e controlados.

Ao mesmo tempo em que fracassa o projeto regulamentarista, o capitalismo aumenta o seu poder de indução sobre o comportamento e a sensibilidade, e o estigma que recai sobre a prostituição adquire novo significado.

o estigma formulado em torno da prostituição como uma construção ideológica, exerce um papel “civilizador” na sociedade porque, por seu intermédio realiza a iniciação sexual dos rapazes e, por conseguinte, se afirma como uma alternativa para a preservação da virgindade das “moças de família” e da deserotização das esposas, reforçando o seu papel exclusivo de mãe e dona de casa.” (RAGO, 1987: 90).

Assim, nessa nova etapa a prostituição deixa de ser timidamente praticada em algumas casas reservadas, para ser incorporada ao mercado capitalista. O bordel é idealizado a partir da necessidade de dotar a cidade de uma instituição adequada.

No início do século XX, a sexualidade passa a exprimir-se com maior força, tendo como correlato à constituição de uma indústria do prazer e da mercantilização da vida do submundo.

A prostituição reflete a lógica mercantil, na sua vertente sexual, permeando a relação entre homens e mulheres e configurando-se em uma forma de sociabilidade subterrânea.

No imaginário social contemporâneo a prostituta é a mulher fatal, a “ninfomaníaca”. Por isso mesmo, inúmeros setores da população, preocupados com a moralidade pública e com a preservação dos antigos valores passam a exercer maior vigilância sobre as prostitutas, obrigando os bordéis a se fixarem em zonas próprias ou periféricas. No entanto, a repressão oficial é muito mais intensa no espaço baixo meretrício, ligado à camada de pequeno poder aquisitivo, que nas

áreas de prostituição mais sofisticadas que são contempladas com um grau maior de tolerância.

Com a chamada Revolução sexual feminina, desencadeada na década de 60, algumas mudanças ocorreram. Porém, com relação à prostituição, percebe-se que o estigma formulado no imaginário popular, permanece imutável e o isolamento social que lhes é imposto nesta época, as deixam mais vulneráveis e expostas e faz com que aumente a discriminação e a visão de marginalidade. Observa-se também que a prostituição não desapareceu; mas pelo contrário, os estudos sobre o tema demonstram que a força do fenômeno é ainda maior.

Assim a prostituição “começa a adquirir novas formas, ou novas roupagens e tem uma faceta luxuosa, embora não podemos ignorar que o baixo meretrício continua sendo sua expressão majoritária.” (ROCHA, 1992: 19).

2.2.2.3 A prostituição na contemporaneidade

Segundo Nickis (1992), a prostituição na atualidade, apesar de ser diferente da prostituição da década de 60, tem ainda muito em comum.

No 28º Congresso Internacional da Federação Abolicionista Internacional (FAI) 1984 a prostituição no Brasil, foi enfocada e situada como um fenômeno que está muito espalhado, na cidade e no campo, sobretudo nas áreas chamadas pioneiras e de grandes projetos: garimpo, construção de barragens, de usinas, de estradas, e nos portos de mar, rodovias e outros... Foi situado também que cada dia aumenta a prostituição de menores. Entre as mulheres que exercem a prostituição, uma com 18 ou 20 anos já é considerada, em alguns lugares, como envelhecida.

Sendo apresentada como um fato natural dentro da sociedade capitalista onde se naturalizam os grandes problemas, sendo apontada como uma necessidade pública, tradição secular, comércio livre.

Segundo Casaldáliga (1984)

O sistema capitalista permite e até exige a prostituição. Ele não é um sistema de justiça e igualdade, mas um sistema exclusivamente que não visa o ser humano. (CASALDÁLIGA apud. FAI, 1984: 58).

A ideologia consumista não hesita em fazer da mulher e do sexo artigos de consumo, ativando a organização comercial e a propaganda também naquilo que concerne à prostituição. Deste modo a prostituição se tornou um instrumento organizado de lucro na engrenagem da sociedade de consumo.

Na última década do século XX, acontecem profundas mudanças na sociedade. A sociedade é tomada de sobressalto pela força avassaladora do neoliberalismo, calcado num processo de globalização, que foi importado fortemente em todos os campos da vida das pessoas, das comunidades e dos diferentes povos e nações.

Assim, a prostituição, vai assumindo porções alarmantes, devido a um complexo causal para o qual concorre, fundamentalmente, o problema econômico, a condição social e, em menor escala, razões de ordem psicológica.

Começa a surgir um novo posicionamento de alguns grupos de mulheres que se prostituem através da formação de uma auto organização. Isso se deu a partir de 1987, por ocasiões da realização do Primeiro Encontro Nacional de Prostitutas e da

criação de Associações Estaduais, onde ocorreu uma iniciativa mais estruturada de organização de um movimento associativo próprio, preocupado com: a redução do estigma, do estereótipo e da discriminação ao redor da atividade; a melhoria das condições de trabalho e qualidade de vida, e o estabelecimento de uma linha direta reivindicatória com organizações governamentais e não-governamentais. As mulheres que assumem este posicionamento político passam a denominar-se “profissionais do sexo”.

Através da auto-organização e da auto-representação elas buscam uma nova política, onde as próprias profissionais do sexo possam dizer o que querem para si e como entendem essa atividade profissional e sua identidade, se convencionou chamar autodeterminação das profissionais do sexo.

Segundo Teixeira (2002) a autodeterminação é uma política institucional que luta pela eliminação de todas as leis específicas sobre a prostituição, por acreditar que a lei que regem as mulheres que exercem a prostituição devem ser as mesmas leis que regem todos os outros cidadãos, sem discriminação. No Congresso Nacional está tramitando alguns projetos sobre a legalização da prostituição, os quais tem sido motivo de muita polêmica. “As prostitutas são estigmatizadas não apenas porque são consideradas culpadas pela transmissão de todo tipo de doença, mas pelo ofício que escolheram” Bucci (2002).

Alguns grupos e setores vêem que a tentativa de legalizar a prostituição no Brasil igualmente como a Alemanha e Holanda (onde as mulheres passaram a ter os direitos de qualquer trabalhador, carteira assinada, plano de saúde e aposentadoria)

não vai diminuir o problema, pois os países que legalizaram “são de um nível de desenvolvimento econômico muito diferente do Brasil e então sim, as pessoas que escolheram este caminho é uma opção... No Brasil a maioria das pessoas que optam por este caminho é por falta de opção e de proteção Social” (CBN, 2003).

Com isso, a definição no Brasil de um perfil da mulher que exerce a prostituição e um posicionamento comum delas próprias é muito difícil, uma vez que existem vários níveis diferentes na atividade, estabelecidas a partir de variáveis pouco definidas.

3 REPRESENTAÇÃO SOCIAL, ESTIGMA E PAPEL SOCIAL NA PROSTITUIÇÃO

Mulher da Vida

*Sobrevivem como erva cativa dos caminhos,
pisadas, maltratadas e renascidas.
enraizada em todos os quadrantes da Terra.
Vilipendiada, esmagada. Possuída e enxada,
ela é a muralha que há milênios detém
as urgências brutais do homem para que
na sociedade possam coexistir a inocência,
a castidade e a virtude.
Necessárias fisiologicamente.
Indestrutíveis. Sobreviventes.
Possuídas e infamadas sempre por
aqueles que um dia as lançaram na vida.
Marcadas. Contaminadas, Escorchadas. Discriminadas.
Sem cobertura de leis e sem proteção legal,
ela atravessa a vida ultrajada
e imprescindível, pisoteada, explorada,
nem a sociedade a dispensa
nem lhe reconhece direitos*

(Cora Coralina)

3.1 Representação Social e Prostituição

Com a evolução da sociedade e da história, vimos que a configuração da prostituição foi modificando seu estereótipo e seu significado, embora essa atividade continue a ser vista por muitas mulheres como uma possibilidade de remuneração melhor, principalmente para a mulher que exerce a prostituição de baixa renda. Para estas, o exercício desta atividade é a fonte de renda para comer, vestir, ter condições financeiras para sobreviver. Também vimos que a prostituição que se instituiu nas grandes cidades assumiu formas, sinais e significados que prevaleceram por várias décadas.

Ao início do século XX, a prostituição cumpriu a função social de controlar e garantir a sociabilidade, podendo os fantasmas sexuais serem vivenciados nos lugares apropriados. Outra função social atribuída à mulher que exerce a prostituição foi a de introduzir a juventude nas “artes do amor”. Ainda no início do século passado, a mulher que exercia a prostituição era percebida como “introdutora de hábitos mais modernos de comportamento sexual e de relações amorosas”.

Essas concepções existiram até meados dos anos 60, quando foram sendo alteradas pelas transformações provocadas pela revolução sexual. A partir daí, o meretrício perde suas antigas funções e a mulher que se prostitui empobrece enquanto figura social significativa e atuante, conforme Rago (1993). Esse empobrecimento se traduz em sua desimportância no seio da sociedade, o que a torna mais vulnerável, pela ausência da “antiga proteção” que era assegurada pelos relacionamentos com diversos políticos, boêmios e artistas.

Independente das profundas transformações sociais que fizeram com que as mulheres conquistassem direitos civis e sociais, às mulheres que exercem a

prostituição continuam sendo aplicados os conceitos morais carregados de atributos pejorativos e preconceituosos.

Ela é ainda assinalada como transgressora sexual, pecadora, perigosa, viciada e escandalosa. Esse discurso ideológico e hegemônico é reproduzido através de instituições sociais, que têm um papel fundamental na manutenção da lógica que ordena a vida social. Assim, as representações sociais acerca da prostituição seguem se mantendo vigentes.

Uma das representações sociais mais recorrentes sobre a prostituição, segundo o Ministério da Saúde (2002), é a carência sócio-econômica justificando a sujeição a uma atividade “ultrajante e humilhante”. Conforme pesquisa deste Ministério,

a conformação da atividade do sexo comercial na lógica meramente econômica sustenta assim, uma possível tolerância social, já que retira do sujeito a “culpa” por sua permanência nesse negócio. O que se tem, afinal, é o produto da exclusão social, que deve ser creditada na conta do capitalismo perverso, contra o qual não se dispõe de armas. (Ministério Saúde 2002 : 14)

No outro lado, ainda segundo estudo do Ministério da Saúde, deparamo-nos com uma representação social da mulher que exerce a prostituição que a aponta como um ser imerso em lascívia, insaciável, pecaminoso e pernicioso à moral e aos bons costumes. Essa representação acarreta impiedosa crítica, alheia a toda a complexidade intrínseca ao fenômeno da prostituição.

Existe ainda a representação do “mal necessário” que mantém a imagem da prostituição como elemento fundamental para o equilíbrio sócio-sexual da família nuclear. Embora seja representada como um incômodo é tolerado, pois faz da mulher prostituída um “corpo escravizado e usurpado”, como uma espécie de válvula

de escape para o incontrolável desejo sexual do homem, realizando suas mais recônditas fantasias e necessidades mais urgentes.

Esta imagem serve para esvaziar qualquer possibilidade de surgimento da prostituta como sujeito social, detentora de direitos e deveres, uma cidadã plena.

Como pode ser visto, a prostituição pode ser multirrepresentada de acordo com o olhar que a descreve, com o entendimento político do fenômeno que se tem e pela intencionalidade de sua aplicação.

Desse modo, faz-se necessário levar em conta as diversas facetas da prostituição, analisando o cenário no qual se produz o sentido da interpretação que se faz da prostituição, para podermos nos aproximar de seu significado, mesmo sabendo que a apreensão total de um fenômeno é impossível.

Além de uma visão ampla, necessitamos também de uma abordagem interdisciplinar para a compreensão da prostituição como um fenômeno social complexo e multifacetado, produto de uma conjunção de fatores sociais, econômicos, culturais e pessoais, que inviabiliza a construção de um modelo explicativo único, rígido e estático, pois, “ao se generalizar os múltiplos aspectos que compõem essa dinâmica, uniformizando-os, criam-se e mantêm-se estereótipos existentes na sociedade” (TEIXEIRA, 2002: 16).

Vemos também que a prostituição, então, não pode ser considerada um fenômeno único e igual para todas as sociedades. Tampouco podemos dizer que os critérios utilizados para defini-la são universais. Esse fenômeno é interpretado de diferentes maneiras de acordo com o significado que estrutura a vida das pessoas e da sociedade. Além disso, de acordo com a ambigüidade na qual está inscrita,

mobiliza realidades sociais importantes nos processos de formulação do sentido social.

Leite explica que

em nossa sociedade a prostituição é o produto de uma construção social que reforça categorias e divide a sexualidade em dois espaços diferentes: a boa (o lugar da procriação) e o mau (o lugar do prazer), é uma construção social em oposição aos parâmetros determinados pelas normas morais sobre a sexualidade, o que a situa como categoria de transgressão sexual. (LEITE apud Medeiros 2000: 18)

Bacelar (1982) acrescenta que as normas existentes em uma sociedade são entendidas como parâmetro de ordem, normalidade, e que prediz a conduta adequada aos indivíduos. Porém, quando os indivíduos não se ajustam aos padrões normativos prescritos pela ordem institucional, ou quando apresentam qualquer desvio, passam a ser designados como inadaptados, além de ter o comportamento chamado de “divergente”, definido em função das normas sociais e das regras institucionalmente adequadas.

A identidade social dos desviantes é formada não apenas pela identificação que os membros da sociedade efetuam, mas também por eles próprios, ao incorporarem a forma como são identificados, ou seja, a auto-identificação das divergências. O que se percebe é que o desvio não está no indivíduo, e sim está na identificação, no jogo de atribuições de divergência de uns aos outros. (BACELAR, 1982: 11)

Assim, na nossa sociedade ocidental pautada na ideologia moralista e autoritária, onde a mulher é idealizada em sua função de procriadora, de mãe, isto constitui um elemento essencial para delimitar a linha entre o prazer e a reprodução, marcando a partir daí a distância entre os espaços do sexo (rua) e do amor (casa) e aumentando a diferença com respeito à mulher “honesta” e à que exerce a prostituição.

3.2 O Estigma Social e Prostituição

A prostituição, além de ser considerada um comportamento divergente, traz em si um estigma social.

O estigma está relacionado com a marca ou sinal imposto pelo outro devido a um comportamento social inadequado. Conforme Goffman (1975), a marca sugere uma visualização do que é mau, desacreditado, de má fama, de submissão/escravidão. É uma marca impressa pelos outros de forma natural e visível para que seja identificada pelo próprio indivíduo que leva a marca e pelos outros. Ainda segundo os grupos que não se adequam às normas sociais são etiquetados, estigmatizados e colocados fora dos limites de interesse do grupo hegemônico.

O processo de estigmatização se reproduz através dos mecanismos simbólicos, que envolvem uma relação de oposição e poder, onde os órgãos de controle social, isto é, os classificadores, dispõem de recursos suficientes para determinar processos decisivos de criação de imagens e produção da realidade. Esses órgãos se justificam e se apóiam nas leis jurídicas, porém sua prática se manifesta mediante o preconceito, a aparência e no método da suspeita que é utilizado para marcar as fronteiras entre os grupos sociais, conforme comenta Medeiros (2000).

Assim, vemos que a idéia de estigmatização se aproxima da noção de desvio, e que este se origina a partir de uma situação de controle social. Medeiros (2000) conceitua essa noção como

o resultado de um processo de construção social, que implique uma relação de poder que conduz a pessoa “desviada” fora do sistema social através de mecanismo que limita a participação desta nos recursos e atividades sociais. (MEDEIROS, 2000: 17)

3.3 Papel Social e Prostituição

Cada pessoa ocupa na sociedade uma certa posição ou estatuto. Este estatuto impõe a ela um certo número de deveres a cumprir e de funções a exercer e um certo número de direitos de que pode gozar. É a este conjunto complexo de tarefas, de deveres e de direitos que se dá o nome de “papel social” ou apenas “papel”. O papel representa assim a conduta que é legítimo esperar de um indivíduo numa determinada situação social, tendo em conta o seu estatuto social.

Segundo Willens (1982),

Papel Social é o desempenho das funções atribuídas a uma pessoa pelo status que ocupa numa sociedade. Aspecto dinâmico do status. Em cada grupo de que o indivíduo participa, ele desempenha um papel de acordo com o status atribuído ou atingido. O conjunto dos diversos papéis particulares representa o papel social da pessoa. (WILLENS, 1982: 497)

Tanto no campo simbólico quanto no imaginário social, a prostituta desempenha alguns papéis. Além desses, a ela são atribuídos outros papéis, como: ser sexualmente livre, despudorada, sem dono, sedutora e ativa na arte da conquista. Também a ela é atribuído o papel de responsável pela degradação física e moral dos homens. Por extensão, atribui-se a ela a destruição da família, além de: o de disseminadora de doenças transmitidas pelo sexo, e o de ser mulher desprovida de alguns dos traços mais distintivos do gênero feminino, o de ser mãe. Não se espera que ela conheça ou desempenhe os papéis sociais que a cultura reservou ao gênero feminino, seja como filha, mãe, irmã, esposa ou dona de casa. Além disso, é também vista como mulher desprovida de laços de vivência afetiva

que, por experimentar o sabor da transgressão sexual, não é merecedora da vivência conjugal, do convívio familiar e, sobretudo, da maternidade.

Nesse sentido, são comuns afirmações tais como: é uma “mulher de vida fácil”, que não conhece as dificuldades de educar um filho, nem as regras básicas do funcionamento equilibrado e saudável de uma família. Esse modo de representar a mulher que exerce a prostituição, atribuindo-lhe diversos estigmas, é muito presente no senso comum e, como já vimos, penetra tanto na percepção que ela faz de si mesma, quanto na mentalidade daqueles com os quais ela deve interagir.

Desse modo, perante a sociedade, a mulher em situação de prostituição realça o desempenho de um papel desviante. Sendo essa sociedade seguidora de uma linha estrutural - funcional, onde todo o processo socializador da pessoa (cultura, costumes, comportamentos, modo de ser e de se expressar) é imposto; ela é identificada e ao mesmo tempo identifica-se como ser inferior, por não seguir os padrões, regras, normas e valores legitimados e socialmente estipulados para o exercício do papel social da mulher na sociedade.

Porém, sabemos que as pessoas assumem uma simultaneidade de identidades, assim como de status e de papéis, conforme Epstein apud Gaspar (1985). Com a mulher que se prostitui não é diferente, pois, ela atua em diferentes esferas da vida social. Ela não é prostituta o tempo todo, vive situações fora do mundo da prostituição e divide basicamente o mundo em duas esferas: a de atuação e a da representação; ou podemos dizer também: o “profissional” e o contrário a ele. Assim procedendo vai manipulando suas identidades de acordo com as situações.

Geralmente a mulher que exerce a prostituição como meio de sobrevivência, é também ajudante em bares, faxineira, cozinheira, tem uma família constituída

(formada por ela e os seus filhos). Assume a responsabilidade para o sustento e para suprir as necessidades básicas do grupo familiar.

Além de ser “chefe” de família, é também socializadora, educadora, provedora, mulher e mãe. Embora seja discriminada e estigmatizada pela sociedade, ela é uma pessoa que, em cada lugar que se encontre (igreja, família, local de trabalho, e outros) será capaz de desempenhar o seu papel conforme o estabelecimento a qual esteja naquele dado momento.

Algumas mulheres deixam a prostituição durante o período de ligações afetivas estáveis, quando o homem dispõe de renda suficiente para manter o casal e pretende que a mulher abandone a prostituição. Esses movimentos são realizados por iniciativa das próprias mulheres. Entretanto, uma série de fatores, como a própria força do estigma, a identificação dessas mulheres como pessoa desvalorizada trança uma poderosa rede de razões simbólicas e materiais que atua no sentido de dificultar o abandono da atividade.

O peso desse estigma parece dificultar a percepção clara de que todos os grupos relativizam acusações, no sentido de que se apropriam do que é dito sobre eles, e a partir daí elaboram formas de limitar e manipular o estigma.

No caso das mulheres que exercem a prostituição, elas adotam alguns procedimentos e cuidados para restringir e delimitar o processo de estigmatização e não terem toda a sua identidade contaminada pelo desempenho do papel de “prostituta”, como é o caso da “nomeação de guerra”. “Esta é uma medida difundida nos grupos de mulheres, como tentativa em evitar que o estigma contamine a pessoa total da prostituta” (BACELAR, 1982: 74). A existência do “nome de guerra” é na realidade um mecanismo de preservação do eu.

O que se percebe no grupo das mulheres em situação de prostituição é o difícil equilíbrio entre os preconceitos da sociedade e o poder da capacidade de relativização desses preconceitos. Segundo Bacelar (1982), o grau de estigmatização dependerá da posição do grupo na estrutura social; e as categorias inferiores da hierarquia social que estão mais sujeitas à rotulação onde o estereótipo é retirado das camadas mais pobres da sociedade. Sendo assim, no grupo das mulheres de baixa renda que exercem a prostituição, geralmente ocorre uma combinação de dois estigmas: prostituição e pobreza.

Ser prostituta de baixa renda com uma situação econômica precária, marcada por baixos rendimentos, equivale a dizer que a mulher terá maior número de parceiros sexuais durante o período em que se dedicar à atividade. Será então mais “promíscua” e, portanto, mais “contaminadora”. Assim, o estereótipo de prostituta calca-se na prostituição da pobreza.

4 A PROSTITUIÇÃO
DAS MULHERES DE BAIXA RENDA:
NA REGIÃO CENTRAL DE DUAS GRANDES CIDADES:
SALVADOR E BELO HORIZONTE

Todas as Vidas

Vive dentro de mim a mulher do povo.

*Bem proletária. Bem linguaruda,
desabusada, sem preconceitos,*

de casca grossa, de chinelinha e filharada.

Vive dentro de mim a mulher roceira. –

Enxerto da terra, meio casmurra.

Trabalhadeira. Madrugadeira. Analfabeta.

De pé no chão. Bem parideira.

Bem criadeira. Seus doze filhos. Seus vinte netos.

Vive dentro de mim a mulher da vida.

*Minha irmãzinha...tão desprezada
tão murmurada... Fingindo alegre seu triste fado.*

Todas as vidas dentro de mim:

Na minha vida -a vida mera das obscuras.

Cora Coralina

4.1 A REGIÃO CENTRAL DAS DUAS GRANDES CIDADES

As cidades organizam seus espaços e cada qual, devidamente caracterizado, desenvolve suas funções ou se transforma em ambientes próprios para a sobrevivência de alguns tipos de relações que não teriam as mesmas condições de vida em outros lugares.

Segundo Espinheira (1984), a prostituição é uma atividade que se desenvolve em uma ambiência que lhe é propícia e que a caracteriza. Essa ambiência que é criada pela prostituição e que a mantém é o resultado da maturação de certos comportamentos divergentes em áreas que estão, por muitas razões, mais distantes das pressões sociais, permitindo a consolidação dessas divergências e a formação de um sistema cultural específico.

A região central das grandes capitais aparece geralmente como um desses lugares que ofertam as condições especiais de moradia e trabalho para as mulheres no exercício da prostituição. Nas grandes cidades, o centro é um espaço de grande complexidade devido à multiplicidade de funções a que serve. Assim sendo, são espaços que favorecem o anonimato, a autonomia, a excentricidade e a indiferença; favorecem também a segurança e o risco; chegando até a deterioração, decadência e sordidez. Todas essas características concorrem para configurar um ambiente propício às atividades que exigem algum tipo de resguardo em relação à moral. Essas características são próprias da região central das grandes cidades, pois o predomínio comercial e de serviços, e em oposição a relações familiares, é um ambiente anônimo e impessoal e quando cessam as atividades comerciais, à noite, torna-se vazio de gente, de trabalho e do consumo da vida cotidiana; aí então recebe uma outra população: aquela que procura o prazer da vida noturna, aqueles

que procuram os encontros e os programas anônimos e solitários. É exatamente nesse espaço que vamos encontrar a prostituição das mulheres situadas nas camadas mais pobres da sociedade: esse é o tipo peculiar da prostituição do “centro urbano das grandes cidades”. É exatamente para essa região que se dirigem os homens de baixo poder aquisitivo em busca de prazer.

Esse tipo de prostituição também é encontrado nos bairros pobres, nas imediações da zona comercial popular, ou ainda nas áreas em que se observa uma excessiva movimentação. Essas áreas evitam que exista um ambiente familiar, residencial, um ambiente estável responsável pela pressão contra os grupos e as formas divergentes na sociedade. Por isso a prostituição se fixa nas áreas próximas às estações rodoviárias, ferroviárias e portos.

4.2 Centro Histórico de Salvador

Salvador é um dos principais pontos de convergência de culturas européias, africanas e americanas dos séculos XVI e XVII. Foi tombado pelo patrimônio da humanidade da Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) em 1985, por ser entendido como uma área especial da cidade e ali estar o testemunho da história, sendo reconhecido como um exemplo excepcional de um tipo de conjunto arquitetônico ou tecnológico, de paisagem que ilustre uma ou várias etapas significativas da história da humanidade e estar associado diretamente a acontecimentos ou tradições vivas, como idéias, crenças, com obras artísticas ou literárias de significado universal excepcional.

Porém, a recuperação levada a cabo na área a partir de 1992, através do Programa de Recuperação do Centro Histórico de Salvador (PRCHS), constitui-se apenas na concretização de antigos desejos e propostas que sempre tinham como interesse final o retorno econômico da área via turismo e a retirada da população de baixa renda que ali habitava.

4.2.1 O Pelourinho

O Centro Histórico de Salvador, também chamado de Pelourinho, tem uma história tão antiga quanto a história da própria cidade que Tomé de Souza, primeiro Governador Geral do Brasil, fundou em 1549, quando veio com ordens expressas do rei de Portugal para construir uma “cidade fortaleza”. Salvador foi escolhida como sede de governo devido à excelente localização geográfica e estratégica posição econômica como principal porto de carga e descarga de mercadorias de todo o Nordeste; o ponto escolhido para ser o centro da cidade foi exatamente o Pelourinho.

Sendo assim, o Pelourinho está situado na parte mais alta da cidade, em frente ao porto, perto do comércio e naturalmente fortificada pela grande depressão existente que forma uma muralha, de quase noventa metros de altura, por quinze quilômetros de extensão, o que facilitaria a defesa de qualquer ameaça vinda do mar.

Em poucos anos, Tomé de Souza construiu uma série de casarões e sobrados, na parte superior dessa muralha, todas inspiradas, evidentemente, na arquitetura barroca portuguesa e erguidos com mão-de-obra indígena. Para dar

maior proteção à cidade, o Governador Geral limitou o acesso a apenas quatro portões, estes totalmente destruídos durante as tentativas de dominação da cidade no séc. XVII.

O Centro Histórico ganhou o nome de Pelourinho⁴, pois os senhores de engenho, a fim de demonstrar à população sua força e poder, resolveram construir um "pelourinho" no centro da cidade, instalando-o no largo central, hoje área localizada em frente à casa de Jorge Amado. A partir daí os escravos eram castigados em praça pública para que todos pudessem assistir a tal demonstração de poder. Devido a esse fato, o "pelourinho" virou ponto de referência da cidade, dando nome ao antigo centro, hoje Centro Histórico de Salvador. Com o passar dos tempos, o nome Pelourinho se popularizou, passando a referir-se a toda a área do conjunto arquitetônico barroco-português compreendida entre o local do Terreiro de Jesus e a Igreja dos Passos.

4.2.2 A história da zona de Prostituição no Pelourinho

Segundo a literatura encontrada, durante o séc. XVI e até o início do séc. XX, o Pelourinho foi considerado um dos mais importantes conjuntos arquitetônicos barrocos do Hemisfério Sul e representou a parte mais imponente da cidade, tanto do ponto de vista social como econômico.

Segundo Bacelar (1982), entre o final do século XIX e começo do século XX, com o declínio e a estagnação da economia escravagista do Recôncavo e a

⁴ O termo "pelourinho" é o nome dado ao local onde os escravos eram castigados pelos senhores de engenho. O "pelourinho" era construído nos engenhos, afastado da cidade.

decadência das culturas da cana-de-açúcar e do fumo, e conseqüentemente queda das importações, mudaram os hábitos, os valores e a maneira de ser dos moradores. O Centro Histórico foi sendo abandonado pelos grandes proprietários e comerciantes, que se transferiram para outras partes da cidade. Assim, a cidade foi se expandindo para a emergente zona sul e o Pelourinho foi perdendo sua feição aristocrática. Os velhos sobrados agora desvalorizados e difíceis de ser mantidos por um grupo familiar exclusivo, devido às suas dimensões, foram sendo abandonados, sublocatados e subdivididos entre várias famílias, ou entre moradia e comércio, misturando as funções residenciais, comerciais e de prestação de serviços.

Com isso, os velhos casarões foram transformados em casas-cômodos, e o Pelourinho foi sendo ocupado pelos setores de mais baixa renda da cidade de Salvador. Essas construções eram encontradas no mais completo abandono pelos antigos proprietários e pelo Estado.

As pessoas foram se estruturando naquela área sem a menor atenção ao que se refere ao saneamento básico, serviço social, saúde, educação, lazer, saúde pública, entre outros. Por parte do Estado, tudo era estrategicamente improvisado.

Devido ao estado de miséria e dificuldades, um dos meios mais fáceis encontrados para as mulheres suprirem suas necessidades básicas foi a prostituição e, gradualmente, o bairro foi se transformando em uma área prostitucional. Assim o empobrecimento foi tomando conta do Centro Histórico e o Pelourinho foi se tornando o último reduto da população mais pobre no coração da cidade. Por causa dos moradores daquele bairro, a sociedade foi formando uma imagem estereotipada e preconceituosa do local e das pessoas que ali viviam.

A imprensa diária de Salvador ajudou a formar uma opinião consensual dessa área como uma das zonas mais perigosas da cidade, habitada por prostitutas, ladrões, criminosos e toxicômanos. (ESPINHEIRA, 1984:82).

Nos anos 60 e 70, com o crescimento e reordenamento urbano da cidade e com o projeto do Governo de recuperação arquitetônica, o Pelourinho foi sofrendo transformações profundas, redefinindo sua função e o seu status, transformando-se em ambiente turístico.

Esse processo de reorganização do espaço urbano implicou a expulsão dos moradores do Pelourinho, por causa de alguns movimentos feitos por lojistas no sentido de revitalizar o Centro Histórico, que passa a ser então cobiçado para exploração econômica através de hotéis, restaurantes, galerias, antiquários e outras atividades relacionadas com o turismo. Seus habitantes passam então a ser considerados indesejáveis. Pouco a pouco, foi se dando a transformação da área através do Projeto de Revitalização do Centro Histórico.

Com os trabalhos de recuperação arquitetônica, muitas famílias foram recolocadas. A grande zona, o Maciel, área da pobreza e da miséria, habitada por prostitutas pertencentes às camadas baixas da sociedade, foi desativada, e as mulheres obrigadas a retirar-se para outras ruas do Pelourinho. Porém, a prostituição não desapareceu deste espaço, ela continua, embora de outra maneira, espalhada pelos vários trechos do Centro Histórico.

4.2.3 perfil da mulher que exerce a prostituição no Pelourinho

Por suas características arquitetônicas, que propiciam a moradia coletiva, o Pelourinho favoreceu a concentração das prostitutas. Entretanto, o elemento básico para a convergência da prostituição para o Pelourinho foi a instauração de uma

política de controle, de caráter repressivo, forçando o estabelecimento do meretrício nesta zona da cidade. A ação da polícia de costumes, através de métodos violentos, forçou continuamente o “confinamento” da prostituição em áreas determinadas. Como forma de controle, a prostituição era obrigada a circunscrever-se a um espaço “classificado”, para a “proteção” da população.

O setor da prostituição no Pelourinho chamava muito a atenção, não somente pelo número de mulheres que viviam na prostituição, mas pelas condições dramáticas durante o seu exercício.

As mulheres que exercem a prostituição no Pelourinho vieram em grande parte do interior do estado, em busca de melhores condições de vida. Normalmente, passam por várias ocupações profissionais até chegar ali, no prostíbulo. “A prostituição é a alternativa colocada no último lugar das opções, não só pelo sentido socialmente degradante, como também pela insegurança física e moral de quem a exerce” (Espinheira, 1984, p. 90). A prostituição é uma saída freqüente para uma situação de desespero e insolvência da própria vida.

Os dados coletados na pesquisa feita com as mulheres que exercem a prostituição no Pelourinho mostram que, na sua maioria, elas vieram do interior da Bahia para a cidade de Salvador em busca de uma vida melhor. Estão numa faixa etária situada entre 15 e 55 anos, embora muitas vivam na periferia e subúrbio da cidade. Grande parte vive no centro, perto do local onde se prostituem, e são analfabetas na sua grande maioria. Ao chegar à capital, despreparadas para a vida, enfrentam o desemprego, a fome, a falta de dinheiro e, sem mesmo completar os 20 anos, já começam a se prostituir sendo motivadas pela dificuldade financeira e pelo desemprego.

As mulheres se prostituem apenas no Centro Histórico, que representa para elas um local calmo, protegido e conhecido.

Sofreram influência ao ingressar nessa atividade; muitas já abandonaram a atividade e retornaram e possuem um ou mais tipos de vício, diferindo quanto ao tipo de drogas.

Elas mantêm relação com sua família nuclear e estas sabem o ofício que exercem, tendo diferentes posicionamentos frente ao conhecimento da atividade, variando desde o fingir que não sabe, até o brigar, humilhar e criticar.

As mulheres entrevistadas em Salvador enfrentam muitos problemas no exercício da prostituição, ficando evidenciado que os maiores problemas são com relação aos clientes, às amigas, colegas e com relação à discriminação e humilhação; para a maioria a prostituição significa “uma realidade que não é boa”. Sofrem muito preconceito e com isso temem revelar o que fazem.

Percebemos que as mulheres entrevistadas se encontram sem perspectiva na vida e que demonstram certa passividade frente ao preconceito, pois ficam indiferentes, apesar de se sentirem incomodadas.

Grande parte já sofreu violência por causa da atividade, seja violência moral, verbal (discussões), física e até estupro; porém, fica evidente a falta de iniciativa para providências frente à violência sofrida. É expressivo o número das mulheres que usam apelido, também chamado “nome de guerra”.

A maioria diz que não gostaria que a atividade fosse legalizada. Elas se sentem cansadas, sem amigos, com vergonha, infelizes e revoltadas frente à atividade que exercem, embora uma outra parte significativa diga sentir-se bem, feliz e normal na atividade. Todas têm habilidades ou já exerceram outros serviços,

variando entre doméstica, serviços gerais, lavadeira, cozinheira, manicure, doceira, entre outros.

4.3 Prostituição na Lagoinha e Região Central de Belo Horizonte

Devido ao incremento demográfico, houve a necessidade de novos alojamentos para a população ... Surgem as ampliações e edificações nos fundos dos lotes onde se instalavam as famílias dos trabalhadores procedentes de outras regiões ou os imigrantes em busca de trabalho. Quando não encontravam emprego, especialmente o grupo que se caracterizava como mão-de-obra pouco qualificada, para responder às necessidades de sobrevivência, transformavam-se em força de trabalho de uma economia informal ou engrossavam a camada social criminal... O bairro passa a ser habitado, especialmente, por população de baixo poder aquisitivo e caracterizado como um bairro pobre. Instala-se também a prostituição clandestina, que funcionava nos fundos dos bares, nos porões ou nas próprias moradias. O que diferenciava a casa de prostituição de uma residência era uma luz vermelha no alto da porta. Dessa forma, organiza-se uma nova sociedade local, reconstruindo a imagem histórica do Bonfim.

(REGINA MEDEIROS, 2001: 58)

4.3.1 A Lagoinha

O bairro Lagoinha, nascido no período da construção da cidade de Belo Horizonte, na última década do século XIX foi sendo formado como zona suburbana a partir do traçado original da cidade planejada, ficando fora da Avenida do Contorno e do Ribeirão Arrudas, que fixavam os limites do perímetro urbano. “Os limites especiais do aglomerado colocavam a Lagoinha em uma posição de marginalidade, isto é, afastada dos centros decisórios do poder” (ROCHA, 1992: 27).

Porém, a Lagoinha, mesmo localizada numa zona periférica, situa-se muito próxima à região central da cidade, e muito próxima da zona comercial, da estação ferroviária e da rodoviária, e por sua posição estratégica passou a sediar inúmeras casas de prostituição feminina.

As mulheres que se prostituíam nessas casas se concentravam inicialmente ao longo da antiga estrada de ferro e Praça Vaz de Mello, que constituiu um ponto de encontro importante na história de Belo Horizonte. Elas viviam em casas de má qualidade e muito pobres.

A prostituição feminina nesse bairro, segundo Rocha (1992), foi considerada um universo que abrigava os ditos marginais – vagabundos, gigolôs, delinqüentes, alcoólatras, e viciados. A prostituição parece adquirir, nesse caso, todo um caráter de sordidez associada à violência e à depravação, que caracterizam o baixo meretrício ali praticado.

Dessa forma, a prostituição feminina configura-se no imaginário coletivo dos habitantes da cidade como um dos elementos determinantes e constitutivos na composição da identidade do bairro. O estigma formulado em torno da Lagoinha identificada geralmente pelo seu aspecto transgressor seria resultante da presença da prostituição e da boemia. (ROCHA, 1992: 23)

Com o processo de modernização vivido na região e de estruturação urbana de Belo Horizonte, os setores marginalizados sofreram expressivos deslocamentos. As mudanças ocorridas no bairro, na década de 80, impulsionadas pelas obras públicas realizadas (o complexo da Lagoinha – onde ocupam papel principal o viaduto e a passarela), foram responsáveis por esse movimento.

O movimento de constantes interações e também as mutações físicas, sociais, culturais e econômicas ocorridas ao longo do processo de modernização parecem refletir a identidade historicamente reconhecida da Lagoinha.

Segundo Rocha (1992),

os imperativos do avanço capitalista e o processo de desenvolvimento da cidade parecem não reconhecer as necessidades das populações marginalizadas. Por isso, as modificações realizadas no bairro, no intuito de viabilizar o complexo viário, fizeram com que as prostitutas, especificamente, fossem conduzidas para pontos menos valorizados no interior do mesmo, ou nas áreas contíguas. (ROCHA, 1992: 26).

Nessa área, apesar de permanecer muito da sua paisagem física original, seus velhos casarões e seus antigos moradores, grande parte dos bares, botecos e pensões foram extintos, desapropriados pela prefeitura. Várias casas e bordéis nos quais viviam as prostitutas foram demolidos em prol da expansão econômica, representada pela especulação imobiliária. Com isso, apesar de ter sediado, no passado, importantes clubes, bares, restaurantes e “rendez-vous” com prostitutas e clientes famosos, e que foi um marco da boemia de Belo Horizonte, nos dias atuais não representa nem resquícios do seu apogeu. Ao contrário, o bairro ficou marcado pela imagem decadente do baixo meretrício por concentrar apenas o maior número de prostitutas em final de “carreira” em absoluta fase de decadência no contexto prostitucional.

Por conseguinte, na súbita expulsão de seu espaço, as prostitutas viram-se obrigadas a afastar-se dessa área, passando a confinar-se nas áreas adjacentes.

Na antiga Praça Vaz de Mello havia muitos botecos, muitas casas e bordéis. As prostitutas ficavam ali porque ali era a zona boêmia. Com o viaduto, a praça acabou. Então as prostitutas foram para as imediações – Rua Bonfim, Caparaó, Paquequer, Taguarão. Foram, sobretudo para o centro... . Aquelas antigas casas praticamente acabaram. Hoje existem os hotéis onde elas trabalham: elas moram fora, geralmente na periferia e vão batalhar nos hotéis, mas não moram ali. Muitas vão para a Praça da Rodoviária fazer o ponto, e também no primeiro quarteirão da Avenida Paraná e Rua Tupinambás. (Graça apud Rocha, 1992: 27).

4.3.2 Situação atual da prostituição na Região Central

As transformações, principalmente da Praça Vaz de Mello e seus arredores, fizeram com que a prostituição que aí estava instalada se deslocasse para outras regiões próximas, chamada “zona grande”, incluindo: além das ruas do bairro, Jaguarão, Pedro II e Caparaó, em pequeno número, as ruas próximas ao centro da cidade, assim como São Paulo, Guaicurus, Santos Dumont e parte da Caetés, Guarani, Olegário Maciel, Tupinambás e Praça da Rodoviária.

Atualmente, a região central nas imediações da Rodoviária, Guaicurus, é o local onde se concentra o maior número de mulheres que exercem a prostituição na cidade de Belo Horizonte, sendo marcada pela presença dos chamados “hotéis de alta rotatividade” e pela prostituição de rua localizada na Praça Rio Branco conhecida como Praça da Rodoviária.

4.3.3 Os hotéis de alta rotatividade

Os hotéis são estabelecimentos que funcionam em dois turnos, apesar de alguns funcionarem em tempo integral (24 horas), e comportam de 20 a 60 mulheres por turno. São ocupados, basicamente, por mulheres que já praticaram a prostituição em outras grandes capitais, como as cidades nordestinas, ou por antigas praticantes da prostituição em boates e ruas da região Sul de Belo Horizonte.

Estão localizados especialmente nas ruas Guaicurus, São Paulo e Santos Dumont e neles a prostituição é fundamentalmente feminina.

Os hotéis variam de tamanho (alguns com três andares, terraço, outros com um só andar), organização (música, exigência de uso de preservativos), forma de funcionamento, número de quartos, recursos disponíveis (TV, bar) e conforto (ventilação, chuveiro). Para cada turno há uma diária estipulada paga pela prostituta. (MEDEIROS, 2001: 92).

Os hotéis são de propriedade de uma pessoa denominada, nesse ambiente, “dono”, que é uma pessoa desconhecida pela mulher que faz programa e, algumas vezes, até mesmo pelos gerentes. Este é o responsável pelas medidas reguladoras e punitivas no hotel e pela ordem definitiva e autoritária. Cabe ao gerente cumpri-la e fazer com que seja cumprida pelas mulheres e clientes que ali circulam.

Os gerentes de hotéis não estabelecem vínculos de trabalho com as mulheres que exercem a prostituição. O compromisso da mulher com o gerente é o pagamento da diária. O compromisso do gerente com a prostituta é garantir um ambiente de segurança para execução do seu ofício. Não existe burocracia para admitir uma mulher. Elas não têm o compromisso de permanecer no mesmo hotel, podendo trabalhar em qualquer hotel.

Nesses hotéis, o “programa” possui um preço reduzido em torno de 5 a 10 reais e as mulheres pagam a diária por turno, variando entre 15 e 40 reais, o que as leva à realização de um elevado número de “programas” diários, no esforço de garantir o pagamento da diária e a manutenção da família.

Os recursos existentes nos quartos variam de acordo com a categoria dos hotéis. Alguns possuem iluminação especial, música, espelhos, banheiros, etc.; outros dispõem somente de uma cama simples e uma ducha. Em geral, os quartos são pequenos e sem ventilação; com raras exceções, pode-se observar que existem janelas.

Os quartos possuem um vaso sanitário, uma pia, às vezes um bidê e uma ducha. Em outros, não existe nada para que a prostituta faça a sua higiene íntima. Ela é então forçada a levar sua própria bacia, jarro etc. Em geral os banheiros ou locais de higiene ficam separados dos quartos por uma pequena meia-parede. Na maioria dos hotéis, há um local para o banho de chuveiro, localizado nos corredores e para uso exclusivo da prostituta.

Os hotéis, em sua maioria, não fornecem gratuitamente a roupa de cama e de banho, sabão, papel higiênico, preservativo, etc. Cabe a cada profissional levar seu material de uso particular e, geralmente, elas levam somente uma muda de roupa de cama e de banho, que utilizam durante todo o seu turno de trabalho.

Poucos são os hotéis que possuem ventilador, ficando também essa despesa por conta da profissional que, necessariamente, tem de adquiri-lo, devido a pouca ventilação dos quartos, que geralmente não possuem janelas. (MEDEIROS, 2001: 97).

Em seu quarto, a prostituta tem liberdade para se colocar como gosta. Algumas ficam deitadas lendo uma revista, vendo TV ou escutando música. Em geral usam roupas sumárias, exibindo ou realçando determinadas partes do corpo. Poucas ficam totalmente nuas.

As portas dos quartos ficam abertas e os clientes passam pelos corredores olhando dentro de cada quarto, com o objetivo de eleger uma. Quando a escolha é feita, o cliente aproxima-se, informa-se sobre as práticas sexuais oferecidas e o preço.

Nos hotéis existem regras de bom funcionamento, não sendo permitido que a prostituta trabalhe bêbada ou drogada; ela pode ser igualmente punida com a expulsão do hotel, em caso de roubo comprovado. Também não é permitido que as mulheres permaneçam nuas nos corredores e que façam bagunça, pois, segundo Medeiros (2001), os gerentes entendem que a bagunça ameaça e espanta os clientes, que querem um lugar discreto, sem risco de escândalo, de polícia ou imprensa.

As mulheres que se encontram nos hotéis estão submetidas a uma maior quantidade de horas no exercício da atividade por semana, impossibilitando-as de exercer outras atividades.

A idade é importante no ofício da prostituição no hotel, pois, na medida em que vai envelhecendo, seus ganhos começam a diminuir e ela passa a perder fama, dinheiro e poder no ambiente. Alguma mais madura tem um poder através do saber, a capacidade de negociação e a magia da sedução de servir como conselheira de homens que buscam na prostituta mais velha orientação para solucionar problemas, especialmente de ordem sexual. Nessa fase, ela se vê obrigada a se expor a uma rotina maior de atividade a fim de manter sua subsistência.

4.3.4 A prostituição na Praça da Rodoviária

A rua é um lugar de “batalha”⁶ para muitas mulheres, que fazem ponto nos passeios ou praças da cidade para estabelecer o primeiro contato com o cliente e negociar o serviço sexual. No momento de executar o serviço, recorrem aos hotéis localizados na mesma região em que fazem ponto. Os hotéis são conhecidos como “de alta rotatividade”, onde os quartos são alugados e é cobrada uma taxa por hora de ocupação. Em geral, cabe ao cliente o pagamento.

Essa modalidade é a mais discriminada no ambiente de prostituição de Belo Horizonte, especialmente pelas mulheres que trabalham nos hotéis. Acreditando que o fato de batalhar na rua coloca a prostituta mulher mais exposta aos riscos de uma cidade, elas as classificam como de baixo nível, piores. (FREITAS, 1985).

As mulheres dos hotéis discriminam as que fazem ponto na Praça, dizendo que os homens que procuram uma mulher na rua são aqueles que não se incomodam em serem reconhecidos, que não possuem dinheiro suficiente para pagar uma prostituta dos hotéis de batalha, ou de saunas, e não têm nada a perder. Acham que o cliente da mulher que faz ponto na rua pode ser um marginal, viciado em droga ou bebida, ex-prisioneiro, desempregado, etc. Enfim, aqueles procedentes dos grupos discriminados na sociedade.

Por sua vez, mulheres que exercem a prostituição na rua acreditam estar trabalhando nesse espaço por opção e justificam que a rua é o lugar da liberdade e que ninguém é dono, nem mesmo discriminado; na rua elas não estão vinculadas aos gerentes de hotéis e cafetinas, tampouco são forçadas a permanecer entre quatro paredes, devido à possibilidade de mover-se no espaço da rua, podendo deslocar-se de um lado a outro, ir a outras ruas, e outros pontos. Normalmente na rua concentra-se o maior número de mulheres em final de carreira. Com média de

⁶ Segundo o Dicionário Aurélio: ponto de guerra, disputar, esforçar-se em qualquer combate. Na prostituição é um termo comum entre as mulheres para se referir ao local onde fazem ponto, ou para dizer que estão em atividade “batalhando”.

permanência já acima de 20 anos na prostituição, se encontrando bastante depreciadas. Neste local, “se registram índices acentuados de alcoolismo, drogadição, adoecimento mental e mulheres vivendo em situação de miséria nessa realidade.” (Pereira Jr., 2000: 7).

4.3.5 Perfil da mulher que exerce a prostituição na região central de Belo Horizonte

Os dados coletados na pesquisa realizada com as mulheres que exercem a prostituição na Praça da Rodoviária, Hotel Lírio e Montanhês, revelam que, na sua maioria, são mulheres procedentes de outros Estados e do interior do Estado de Minas Gerais, onde viveram os mesmos problemas da população de suas cidades, miséria e precárias condições sócio-culturais.

Estão se prostituindo também mulheres naturais de Belo Horizonte que, pelos mesmos motivos, se inseriram na prostituição como opção para a solução imediata de problemas e dificuldades financeiros e falta de trabalho remunerado. Estão numa faixa etária situada entre 21 e 60 anos, residindo na Região Central ou no próprio hotel onde “batalham”. O grau de escolaridade dessas mulheres varia entre o 1º grau incompleto e analfabetismo e, motivadas pela dificuldade de conseguir emprego, pela separação e dificuldade financeira, ingressaram na prostituição a partir dos 21 anos.

Elas têm um local fixo para fazer ponto na região central; a escolha é feita por ser um local mais seguro, porque freqüentou e gostou, ou porque é o único local que conhece. Sofreram influência ao ingressar na atividade e a maioria não possui pessoas próximas na mesma atividade, sendo que 75% já abandonaram a atividade e regressaram.

Elas mantêm relação com sua família nuclear, embora a maioria não saiba o ofício que ela exerce.

Em relação aos principais problemas enfrentados na atividade, esses passam pela falsidade e inveja das colegas, problemas com clientes e, com relação às que freqüentam os hotéis, a dificuldade principal é com o pagamento da diária, bem

como grosseria, humilhação, discriminação. Elas sofrem muitos preconceitos e temem revelar o que fazem. Apesar disso, a maioria não utiliza “apelido” ou “nome de guerra”.

Embora a prostituição seja vista por essas mulheres como “apenas um trabalho ou um meio de sobrevivência”, a maioria espera sair, conseguir um emprego ou montar um negócio próprio.

Percebe-se um índice alto de violências sofridas, principalmente as agressões físicas devido à prática da atividade. Embora a maioria tenha tomado providências chamando a polícia, é expressivo o índice de casos em que nenhuma providência foi tomada.

Com relação à pergunta: “Como se sente na prostituição?”, é expressivo o índice das que dizem se sentir bem, normal, que gostariam que a atividade fosse legalizada; embora a maioria afirme que se sente infeliz, rejeitada, humilhada, envergonhada.

Todas já trabalharam e têm habilidades em outros serviços como vendedora, empregada doméstica, manicure e cozinheira, entre outros desse mesmo nível.

Na história de Salvador e de Belo Horizonte, a imagem do Pelourinho e da Lagoinha foi construída com base na ambivalência, representando, por um lado, o lugar do prazer, da boemia e da prostituição e, por outro, a geografia da “imoralidade e da vergonha” no cenário urbano.

A prostituição é representada socialmente como um comportamento de transgressão social e, portanto, um espaço fluído de prática sexual e social. Esse lugar assim representado contribui para que se formulem argumentos estereotipados que são projetados no imaginário social.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar às considerações finais deste ensaio monográfico, fruto de uma busca pessoal, que não pretendeu ser uma investigação exaustiva, nem um estudo definitivo, pois o fenômeno da prostituição é um tema amplo, contraditório e difícil de abordar, faço meu um pensamento de Edmundo de Freitas: “A idéia era uma, e agora outra. Os momentos foram transformando. Era uma a história, acabou sendo transformada. Quando esta história começou, não sabia. Não sei ainda. Alguma coisa aconteceu. Por isso, neste e em todos os espaços, eu convido você a reescrever. Porque esta história precisa ser re-conhecida e re-descoberta. Este é o fim de um começo”.

Ao longo deste trabalho foi possível fazer algumas considerações e constatações, a partir das análises conceituais e do conhecimento da realidade.

Sem dúvida se percebe que ocorreram mudanças significativas na prostituição, desde o século XVI. Nessa época, as mulheres que se prostituíam o faziam pelo glamour e pelo status. Elas detinham o poder em relação às outras mulheres que ficavam em casa. Eram as únicas mulheres que podiam trabalhar e eram vistas como as mais inteligentes, letradas e viviam com dignidade. Na década de 60, devido à disponibilidade de empregos que não exigiam qualificação, houve uma grande emigração das zonas rurais aos centros urbanos. De uma certa forma, reduziu-se o número de mulheres ingressas no mercado do sexo. Hoje se percebe que a situação é inversa. A grande taxa de desemprego e a falta de opção levam muitas mulheres pobres a buscarem na prostituição o seu próprio sustento. A prostituição não significa glamour, luxúria, mas sim sobrevivência, melhores condições de vida.

Existe um estereótipo social de que muitas mulheres recorrem à prostituição pelo fato de obterem “facilmente” dinheiro, sem ter que se submeterem a um emprego formal, onde existem normas, horários, subordinações a terceiros. Na verdade, não constatamos isto neste trabalho. As mulheres que exercem a prostituição na Região Central (praça rodoviária e hotéis) de Belo Horizonte e no Centro Histórico de Salvador não se enquadram neste estereótipo. São mulheres pobres, sem instrução e qualificação, que não conquistaram seu espaço no mercado de trabalho. Mulheres que “batalham” para sustentar a família, criar e estudar os filhos, realizar seus sonhos. O dinheiro que adquirem pode ser um dinheiro rápido, mas jamais será um dinheiro fácil, por todos os problemas e dificuldades que elas enfrentam e sofrem em seu cotidiano, retrato de uma sociedade capitalista.

Sociedade organizada sobre o modelo patriarcal e construída sobre a desigualdade de oportunidades, intimamente ligada à figura do homem como provedor, que detém a supremacia econômica. Realidade delineada também pela mudança das últimas décadas no modelo de acumulação, que vem marcando a exigência de um novo tipo de mão-de-obra: polivalente, multi-especializada, capaz de realizar diversas tarefas ao mesmo tempo e de modo criativo.

Assim, as possibilidades de colocação que se oferecem às mulheres pobres e de baixa escolaridade, que já estão submetidas a salários menores, se reduzem às formas precárias de emprego: diarista, trabalhos manuais, vigias de outdoors, tarefas domésticas, entre outros.

Percebe-se então que uma situação econômica precária, marcada pela difícil colocação no mercado de trabalho, por baixos rendimentos e muitas vezes pela condição de arrimo e chefe de família, acaba sendo uma forte justificativa para o fato de a mulher se dedicar à prostituição. Diante de uma situação de penúria própria e

também de sua família, a prostituição surge então como um recurso quase legítimo para a falta de dinheiro.

A falta de condições psicológicas e habitacionais favoráveis torna a mulher vítima das circunstâncias, por estar desprovida de uma preparação adequada, especialmente quanto ao trabalho em ocupações definidas.

Com isso, a mulher vai assimilando aos poucos outras referências, isolando-se dos preconceitos e valores, assumindo uma nova moral e outra ética.

Este é um dos reflexos da realidade global em que mulheres em situação de prostituição acham-se imersas. Cenário marcado por um alto índice de violência, tráfico e consumo de drogas e álcool, exclusão, discriminação e estigmatização social, competitividade entre as mulheres, emigração e prostituição infanto-juvenil. Este cenário também está marcado pela organização das “profissionais do sexo”, pela sua auto-determinação, diversidade cultural, solidariedade entre as mulheres, luta pela sobrevivência e pela resistência diante da realidade imposta.

Os dados empíricos coletados através da entrevista estruturada aplicada a vinte mulheres que desenvolvem a atividade prostitucional na cidade de Salvador e Belo Horizonte (tabelas em anexo), respectivamente no ano de 2002 e 2004, nos permitiram algumas comparações:

- Tanto em Salvador como Belo Horizonte, apresenta-se um fator interessante em relação à idade. Na faixa etária entre 30 e 40, encontra-se um maior índice de mulheres exercendo a atividade prostitucional, seguida pela faixa de 50 a 55 anos. Esse fator pode estar ligado ao local mais precário onde estas mulheres exercem a prostituição.
- Um dos problemas que na atualidade as limita no mercado do trabalho é a baixa escolaridade. E, segundo os dados, pode-se observar que, em

Salvador, 95% das mulheres entrevistadas são analfabetas; entretanto, em Belo Horizonte 85% têm algum grau de escolaridade. Ficam evidentes as diferenças de nível de educação nas duas regiões do país: Nordeste e Sudeste.

- Também com relação ao local de moradia, os dados confirmam o estudo do Professor Espinheira, quando à localização espacial: o centro é o local de maior concentração de mulheres de baixa renda que se prostituem (Tabela 4).
- A grande maioria das mulheres das duas localidades possui filhos, sendo que, em Salvador, há um número maior de filhos por mulher, o que pode estar associado ao alto índice de analfabetismo.
- Quando ao consumo de drogas, embora seja grande a porcentagem nas duas cidades (75% em Salvador e 50% em Belo Horizonte) sobre o uso de alguma droga, podemos nos perguntar se os dados não revelam a força e o poder do estigma que afirma que toda mulher que exerce a prostituição tem algum tipo de vício, o que não foi constatado como uma realidade absoluta (Tabela 6).
- A pesquisa revela que o fator financeiro, somado ao desemprego e à separação, ainda é dado que mais influencia no ingresso dessas mulheres na prostituição, sendo 65% em Salvador e 59% em Belo Horizonte. Em Salvador podemos agregar uma forte questão cultural de violência de gênero e machismo – estupro, violência física, gravidez (Tabela 8).
- Com relação ao significado da prostituição, vemos um contraste entre os dois locais. Em Salvador, 54% dizem que é “uma realidade que não é boa”, dando a impressão de que não há escolha, mas é um caminho

inevitável, e não ocorre identificação com a atividade. Ao cruzarmos com os motivos de ingresso (Tabela 8), vemos que os vários tipos de violência sofrida podem influenciar nessa escolha, o que dificulta a aquisição de modelos de identificações e referências essenciais para cimentar a vida psíquica. Em Belo Horizonte, a maioria dá um significado à prática como um trabalho e um meio de sobrevivência e apenas 15% dizem que é uma realidade que não é boa.

- A tabela 12 revela que nos dois lugares as mulheres têm expectativa de sair da prostituição, o que confirma o estudo que diz que elas consideram a prostituição uma ocupação temporal. Porém, parece-nos que essa vida marcada pelo preconceito, estigma, violência e perigos e ameaças a que se submetem vai “quebrando” sua estrutura e as faz perder o desejo e a esperança de outros sonhos e projetos de vida, e podem revelar aspectos depressivos que a prostituição pode causar na pessoa.
- É surpreendente o alto índice, nas duas regiões, do abandono e retorno à prostituição, sendo que em Belo Horizonte 75% e em Salvador 85% já deixaram a atividade e a ela retornaram. Podem ser levantados vários questionamentos frente a esses dados:
 - o despreparo profissional e o baixo nível de escolaridade são os fatores que não permitem a inclusão no mundo de trabalho?
 - a prostituição deixa seqüelas na estrutura de personalidade, dificultando a inserção social?
 - os motivos de separação, perda do companheiro, que as tornam arrimo de família, dificultam o abandono?

- o lugar onde a mulher passa a maior parte do tempo configura a sua situação de marginal inferior e passa a influenciar seu poder de decisão?

- a aquisição de uma identidade que se dá com base nas práticas sociais e valores vigentes na sociedade e, por outro lado, as práticas sociais divergentes da prostituição dificultam a interação social com outras pessoas e o abandono do ofício?

O aspecto de repetição pode sugerir que a culpa está instalada enquanto ato e submissão, numa leitura psicológica.

- Outro dado interessante comparativamente faz referência ao conhecimento e ao posicionamento da família sobre a mulher que exerce a prostituição (Tabelas 16, 17 e 18). Nas duas cidades, a maioria mantém relação com a família. Em Salvador, a mesma porcentagem sabe que ela exerce a prostituição. Já em Belo Horizonte, a maior parte das famílias não sabe da atividade exercida. Ao cruzarmos com a tabela 2, vemos que a maioria que vem se prostituir em Belo Horizonte chega de outros estados e cidades, o que pode indicar o cuidado e o não querer revelar essa informação à família.

Frente às famílias que sabem, é pequeno o grau de aceitação, sendo as reações mais freqüentes a humilhação, a rejeição, o fingimento e a indiferença.

- Com relação aos problemas enfrentados, o que se percebe é que em ambos os lugares os principais estão ligados às questões de relacionamento, seja com os clientes ou com as outras mulheres (Tabela 19).

- O ambiente estressante, competitivo e desestruturado e a luta pela sobrevivência levam as mulheres à rivalidade entre si, a visar apenas seus interesses próprios e a enfrentar dificuldades no encontro com o outro.
- Fica evidenciada a presença de preconceito nas duas cidades e, pelo estigma, marginalização e discriminação, elas temem revelar o que fazem (Tabelas 20, 22).
- As mulheres entrevistadas testemunham que são violentadas, sendo a violência moral o índice mais alto em Salvador e a violência física o índice mais alto em Belo Horizonte. Outro dado relevante é que a agressão vem acompanhada de humilhação, discriminação e violação dos direitos. E esta não produz marca externa, mas muita dor de não ser reconhecida e tratada como gente.
- Comparando os dados relativos à pergunta “Gostaria que a atividade fosse legalizada”, pode-se observar que em Belo Horizonte 90% das entrevistadas concordam com a legalização, embora em Salvador 55% não se identifiquem com essa proposta. Essa constatação é pertinente com a resposta da tabela 9, segundo a qual o grau de significação da prática da prostituição em Belo Horizonte foi maior que em Salvador.
- Quanto à pergunta “Como se sente na atividade exercida?”, ao juntarmos os itens *feliz*, *normal* e *bem*, temos um índice expressivo nas duas capitais, porém é mais alta a porcentagem das que não se sentem bem e desejam sair da prostituição (Tabela 27).

Surge a partir deste dado o questionamento de como entender quando, na tabela 26, elas dizem que gostariam que o ofício fosse legalizado. Será que no imaginário da mulher, ao legalizar a prostituição, ela crê melhorar

sua qualidade de vida, sua auto-estima, seu valor, e que diminuirá o preconceito, estigma e marginalização?

- O fator econômico e a questão da renda novamente aparecem de maneira expressiva, tanto em Belo Horizonte como em Salvador, como motivo que leva a mulher a permanecer na atividade, mostrando-se em coerência com o motivo de ingresso contemplado na tabela 8, segundo a qual o maior índice é dificuldade financeira (Tabela 28).
- Outro dado muito expressivo é que todas tentaram outra opção em serviços que exigem uma baixa escolaridade, como os serviços domésticos, o que pode revelar que existe uma insatisfação no exercício da prostituição (Tabela 29). Porém, vimos acima que, apesar das tentativas de abandonar a atividade, há o retorno a ela. Um dos motivos pode ser devido à pouca qualificação frente às demandas do mercado de trabalho hoje.
- Quanto à participação em grupos ligados à atividade profissional, é relevante o baixo índice de participação (Belo Horizonte 35% e Salvador 50%). Parece que não há incentivo à participação, ou será o medo do preconceito que não as leva a se juntar, formar grupos e lutar pelos direitos e pela legalização, sendo que foi expressivo o índice das que desejam a legalização?

Será que é o medo de ser identificada que as leva a não se agruparem?

Será que é a tentativa de separação da vida pessoal e profissional, já que elas dizem “aqui sou uma e lá em casa outra”, o que dificulta a participação em grupos?

São tantas constatações que pudemos fazer ao longo deste trabalho e tantas outras interrogações pudemos levantar, porém vemos que a prostituição não pode em nenhum caso ser considerada como uma relação igualitária. Não se pode negar o fato de que a prostituição é prejudicial no plano psicológico a longo prazo e é uma ameaça à integridade psíquica e emotiva da pessoa que a ela se entrega. E é aí que está uma das principais causas da violência ligada à prostituição, pois, mesmo na ausência de coerção, o fato de entregar seu próprio corpo no que ele tem de mais íntimo como uma simples mercadoria, usada de qualquer jeito, atenta contra a dignidade humana e os direitos humanos fundamentais.

Não se pode, pois, pretender considerar a prostituição um trabalho como qualquer outro. Todavia, não se pode permanecer indiferente nem surdo/a ao grito lançado pelas organizações de proteção às prostitutas que procuram melhorar suas condições de vida.

O que percebemos é que há três tipos de argumentos mais utilizados pelos defensores da legalização da prostituição: 1) Um argumento econômico, sublinhando o aumento do número de pessoas que vivem da prostituição no meio de uma crise generalizada de desemprego; daí, portanto, considerar a prostituição um trabalho como qualquer outro. 2) Um argumento jurídico, sublinhando a ineficácia das leis e regulamentos que jamais conseguiram impedir a prostituição de existir, quanto mais eliminá-la. 3) A afirmação de que a proibição empurra à clandestinidade e aumenta os riscos de violência e de discriminação para com as prostitutas, sendo melhor, portanto, eliminar todas as barreiras jurídicas para que as pessoas que vivem deste ofício possam exercê-lo em paz e gozar plenamente de seus direitos.

Será este caminho da legalização o melhor e mais acertado frente ao fenômeno da prostituição? Não o sabemos.

O que precisamos é nos perguntar se a legalização sugerida bastará para eliminar a violência e melhorar a condição de vida das mulheres pobres que exercem a prostituição, pois nos parece que uma política de descriminalização do “trabalho do sexo” arrisca a violar tremendamente os direitos humanos.

Essa política da legalização pode levar o governo a ver com bons olhos a descriminalização pedida. Os custos sociais de uma tal política não são suficientemente levados em consideração. Parece-me urgente criar programas específicos que visem ajudar as pessoas envolvidas na prostituição a sair dela se o desejarem, oferecendo-lhes alternativas concretas que lhes permitam ganhar a vida de outro modo. Isto é uma responsabilidade coletiva da qual não se pode se esquivar ou desistir.

É por isso que queremos apontar algumas pistas ao problema através de diferentes ações concretas entre elas.

- Negar-se a produzir, apresentar, distribuir ou consumir material pornográfico, já que propiciam uma visão distorcida da ética e da realidade.
- Sensibilizar a opinião pública de uma maneira objetiva e humana, sem idéias preconcebidas nem interesses criados, pondo em evidência as causas profundas e históricas do fenômeno, sem medo de desmascarar as implicações políticas e financeiras.
- Lutar pela implantação de um modelo de desenvolvimento social que permita a participação eqüitativa dos cidadãos a níveis de qualidade de vida digna para todos. Isto implicará incorporar a mulher como um sujeito de direitos e gestor de transformação integral.

É necessário criar uma sociedade onde todas as pessoas tenham dignidade, sejam consideradas sujeitos de direitos e deveres, responsáveis por sua missão e nela prevaleça o ser e não o ter.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A. ASSIS (org.). **A prostituição em debate**: depoimentos, análises, procura de soluções. São Paulo: Paulinas, 1982.

ANDRADE, Leandro Feitosa. **Prostituição infanto-juvenil na mídia**: estigmatização e ideologia. 2001. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

BACELAR, Jéferson Afonso. **A Família da Prostituta**, São Paulo: Ática, 1982, p. 55-5.

COLECTIVO HETAIRA, **Manifiesto por los derechos de las prostitutas**, Barcelona, 2000. Disponível em < <http://www.colectivohetaira.org/> > Acesso em 05 abril 2005.

COMISSÃO ESTADUAL DA MULHER CATARINENSE. Caderno de estudo do II Encontro: **Mulher 500 anos de opressão, resistência e luta pela vida**, realizado a 29 de novembro de 1992, Brasília.

COSTA, Jurandir Freire. **A mercantilização do sexo**. CEPAT Informa, Porto Alegre, n. 82, p. 30-33, abril. 2002.

DAL FARRA, Ivanete. **Prostituição e religião**: mulheres prostitutas em São Paulo e suas representações de Maria. 2002. Dissertação (mestrado em Ciências da Religião). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

DE VAHILLO, F. **La prostitución y las casas de juego**. Biblioteca Histórica das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor. **Origens da Congregação**: Cronologias Gerais. Vol. I. São Paulo, 1998. - Cap. II, p. 58-62.

DEL PRIORI, Mary (org.); BOSSANEZI, Carlos. **História das Mulheres no Brasil**, 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

ENCICLOPÉDIA Brasileira Mérito. Vol. 16. São Paulo: 1967.

ESPINHEIRA, Gey. **Divergência e Prostituição**, Salvador: Série Cultural Baiana, Tempo Brasileiro, 1984.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FREITAS, Renan Springer de: Bardel Bordéis: **Negociando Identidade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

GASPAR, Maria Dulce. **Garotas de programa**: prostituição em Copacabana e identidade social. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas S.A., 1999.

GOMES, Hélio. **Medicina Legal**. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1960. p. 443-450.

IDHS, **Indicadores de pobreza e desenvolvimento humano**: uma introdução. Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.

KIRSCH, Jonathan, **As prostitutas na Bíblia**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos/Record, 1998.

LAGENEST, H.D.B. **Lenocínio e prostituição no Brasil**: estudo sociológico. Rio de Janeiro: Agir, 1960.

MARCÍLIO, Maria Luiza (org.). **A mulher pobre na História da Igreja Latino-Americana**. São Paulo: Paulinas/CEHILA, 1984.

MEDEIROS, Regina de Paula. **Hablan las putas**. Barcelona: Vírus, 2000.

MEDEIROS, Regina (org.) et al. **Permanências e mudanças em Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Editora Puc Minas, 2001.

MORAES, Aparecida Fonseca. **Mulheres da Vila**: Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

NOGUEIRA, Oracy. **Pesquisa Social**: introdução às suas técnicas. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964.

OSBORNE, Raquel. En primera persona: **Las prostitutas, el nuevo sujeto de la prostitución**. Barcelona: Icaria, 1991.

OSBORNE, Raquel, **Las prostitutas, una voz propia**: crónica de un encuentro. Barcelona: Icaria, 1991.

PATIÑO C; CECÍLIA; CERDEÑA V, DORIS; Fallas L, Sidey. **Comercialización de mujeres**: una violación de los derechos humanos. Oruro: Cedipos, 1998.

PEREIRA, Armando. **Sexo e prostituição**. Rio de Janeiro: Record, 1967. p. 51. Cap. 4.

PEREIRA, Armando et al. **Prostituição**. Dignitas Salutis, Sindhosp, nº 10, p.16 abril/maio: 1993.

PERSIO, Santos de Oliveira. **Introdução à Sociologia**. São Paulo: Ática, 1996. p. 149-150. Cap. VIII.

PIRES, José Maria. **O grito de milhões de escravos**. Rio de Janeiro: Vozes, 1983. p. 63-72.

RAGO, Margareth. Prostituição: permanências e mudanças. In: **Conferência Regional Latino Americana**, 1993. São Paulo: Brasil, 1993. p. 37-42.

ROBERT, Nickis. **As prostitutas na História**. São Paulo: Rosa dos Tempos, 1997. Cap. 11 e 15.

ROCHA, Elza Maria Silveira. **A prostituição feminina na Lagoinha**: uma visão marginal do processo urbano em Belo Horizonte. 1993. (Projeto de Pesquisa) (Iniciação Científica). Pontifícia Universidade Católica Minas Gerais e PROBIC, Belo Horizonte.

SCHWARZ, Oswald. **Psicologia do sexo**. Rio de Janeiro: Fundo de Culturas, 1960. p 94-104.

TEIXEIRA, Paulo R. (coord) **Documento Referencial para ações de prevenção das DST e da aids nº 47**. Brasília, Ministério da Saúde, 2002.

WILLENS, Roberto. **DICIONÁRIO de Sociologia Globo**. São Paulo: Globo, 1982.

7 ANEXOS

7. A REPRESENTAÇÃO GRÁFICA

7.B ENTREVISTA ESTRUTURADA APLICADA NO CENTRO HISTÓRICO DE SALVADOR

7.C ENTREVISTA ESTRUTURADA APLICADA NA REGIÃO CENTRAL DE BELO HORIZONTE

7. A REPRESENTAÇÃO GRÁFICA

Apresentamos os dados empíricos, que foram coletados através de entrevistas estruturadas aplicadas a 20 mulheres que desenvolvem a atividade prostitucional na Região Central de Belo Horizonte e Salvador.

TABELA 1 - IDADE

Belo Horizonte – 2004

IDADE	fi	%
15 a 20	-	-
20 a 25	3	15%
25 a 30	2	10%
30 a 35	1	5%
35 a 40	2	10%
40 a 45	4	20%
45 a 50	4	20%
50 a 55	1	5%
Mais de 55 anos	3	15%
Total	20	100%

Fonte: Aluna do 8º período de Serviço Social da PUC/MG

TABELA 1 - IDADE

Salvador- 2002

IDADE	fi	%
15 a 20	3	15%
20 a 25	-	-
25 a 30	2	10%
30 a 35	5	25%
35 a 40	2	10%
40 a 45	3	15%
45 a 50	2	10%
50 a 55	3	15%
Mais de 55 anos	-	-
Total	20	100%

Fonte: Alunas do 5º semestre de Serviço Social da Ucsal

TABELA 2 - NATURALIDADE

Belo Horizonte – 2004

Naturalidade	fi	%
Belo Horizonte	3	15%
Grande BH	-	-
Interior de Minas	7	35%
Outra cidade do Sudeste	-	-
Outros estados	10	50%
Total	20	100%

Fonte: Aluna do 8º período de Serviço Social da PUC/MG

TABELA 2 - NATURALIDADE

Salvador – 2002

Naturalidade	fi	%
Salvador	6	30%
Região do Recôncavo	-	-
Interior da Bahia	9	45%
Outro interior do NE	1	5%
Outros estados	4	20%
Total	20	100%

Fonte: Alunas do 5º semestre de Serviço Social da Ucsal

TABELA 3 – ESCOLARIDADE		
Belo Horizonte – 2004		
ESCOLARIDADE	fi	%
Analfabeta	3	15%
1º Grau completo	2	10%
1º Grau Incompleto	12	60%
2º Grau Incompleto	3	15%
Total	20	100%

Fonte: Aluna do 8º período de Serviço Social da PUC/MG

TABELA 3 – ESCOLARIDADE		
Salvador – 2002		
ESCOLARIDADE	fi	%
Analfabeta	19	95%
1º Grau Incompleto	1	5%
1º Grau Incompleto	-	-
2º Grau Incompleto	-	-
Total	20	100%

Fonte: Alunas do 5º semestre de Serviço Social da Ucsal

TABELA 4 – MORADIA		
Belo Horizonte - 2004		
ONDE MORA	f1	%
Periferia	5	25%
Centro	13	65%
Grande BH	2	10%
Outros	-	-
Total	20	100%

Fonte: Aluna do 8º período de Serviço Social da PUC/MG

TABELA 4 – MORADIA		
Salvador – 2002		
ONDE MORA	f1	%
Subúrbio	5	25%
Periferia	6	30%
Centro	8	40%
Orla	1	5%
Total	20	100%

TABELA 5 - EXISTÊNCIA DE FILHOS		
Belo Horizonte, 2004		
DETALHAMENTO	fi	%
Sim	17	85%
Não	3	15%
Total	20	100%

Fonte: Aluna do 8º período de Serviço Social da PUC/MG

TABELA 5 - EXISTÊNCIA DE FILHOS		
Salvador, 2002		
DETALHAMENTO	fi	%
Sim	18	90%
Não	2	10%
Total	20	100%

TABELA 5.1 - N.º DE FILHOS (SIM)		
Belo Horizonte – 2004		
N.º FILHOS	fi	%
01 Filho	5	29%
02 Filhos	5	29%
03 Filhos	4	24%
04 Filhos	3	18%
05 Filhos	-	-
07 Filhos	-	-
Total	17	100%

Fonte: Aluna do 8º período de Serviço Social da PUC/MG

TABELA 5.1 - N.º DE FILHOS (SIM)		
Salvador – 2002		
N.º FILHOS	fi	%
01 Filho	5	28%
02 Filhos	5	28%
03 Filhos	2	11%
04 Filhos	2	11%
05 Filhos	2	11%
07 Filhos	2	11%
Total	18	100%

Fonte: Alunas do 5º semestre de Serviço Social da Ucsal

TABELA 6 – VÍCIO		
Belo Horizonte - 2004		
VÍCIO	Fi	%
Sem vício	10	50%
Fuma	5	25%
Fuma e bebe	1	4%
Bebe	2	10%
Fuma e usa droga	1	4%
Usa droga	1	4%
Total	20	100%

Fonte: Aluna do 8º período de Serviço Social da PUC/MG

TABELA 6 – VÍCIO		
Salvador – 2002		
VÍCIO	Fi	%
Sem vício	5	25%
Fuma	5	25%
Fuma e bebe	4	20%
Bebe	3	15%
Fuma e usa droga	1	5%
Usa droga	1	5%
Total	20	100%

Fonte: Alunas do 5º semestre de Serviço Social da Ucsal

TABELA 7 - IDADE DE INGRESSO NA PROSTITUIÇÃO

Belo Horizonte – 2004		
IDADE	f1	%
De 11 a 16	3	15%
De 15 a 21	4	20%
De 21 a 27	6	30%
De 27 a 32	2	10%
De 32 a 37	4	20%
De 37 a 42	-	-
De 42 a 47	1	5%
Total	20	100%

Fonte: Aluna do 8º período de Serviço Social da PUC/MG

TABELA 7 - IDADE DE INGRESSO NA PROSTITUIÇÃO

Salvador – 2002		
IDADE	f1	%
De 11 a 16	4	20%
De 15 a 21	4	20%
De 21 a 27	6	30%
De 27 a 32	1	5%
De 32 a 37	3	15%
De 37 a 42	1	5%
De 42 a 47	1	5%
Total	20	100%

Fonte: Alunas do 5º semestre de Serviço Social da Ucsal

TABELA 8 - MOTIVOS DE INGRESSO

Belo Horizonte - 2004		
MOTIVOS	fi	%
Fome	-	-
porque quis	3	14%
estupro	-	-
violência física	-	-
engravidou	-	-
viuvez	-	-
separação	3	14%
problemas familiares	2	9%
facilidade de ganhar dinheiro	2	9%
desemprego	6	27%
outros	2	9%
dificuldade financeira	4	9%
Total	22	100%

Fonte: Aluna do 8º período de Serviço Social da PUC/MG

Obs. A pergunta admite múltipla resposta

TABELA 8 - MOTIVOS DE INGRESSO

Salvador - 2002		
MOTIVOS	fi	%
fome	1	2%
porque quis	1	2%
estupro	1	2%
violência física	1	2%
engravidou	1	2%
viuvez	3	7%
separação	3	7%
problemas familiares	3	7%
facilidade de ganhar dinheiro	4	10%
desemprego	4	10%
outros	8	20%
dificuldade financeira	11	27%
Total	41	100%

Fonte: Alunas do 5º semestre de Serviço Social da Ucsal

Obs. A pergunta admite múltipla resposta

TABELA 9 - SIGNIFICADO DA PROSTITUIÇÃO PARA A ENTREVISTADA

Belo Horizonte - 2004

SIGNIFICADOS	fi	%
apenas um trabalho	6	30%
vender o corpo	1	5%
"às vezes boa, às vezes ruim"	-	-
meio de sobrevivência	8	40%
realidade que não é boa	3	15%
Outros	2	10%
Total	20	100%

Fonte: Aluna do 8º período de Serviço Social da PUC/MG
Obs. A pergunta admite múltipla resposta

TABELA 9 - SIGNIFICADO DA PROSTITUIÇÃO PARA A ENTREVISTADA

Salvador, 2002

SIGNIFICADOS	fi	%
apenas um trabalho	2	7%
vender o corpo	2	7%
"às vezes boa, às vezes ruim"	2	7%
meio de sobrevivência	7	25%
realidade que não é boa	15	54%
outros	-	-
Total	28	100%

Fonte: Alunas do 5º semestre de Serviço Social da Ucsal
Obs. A pergunta admite múltipla resposta

TABELA 10 - DESENVOLVE A ATIVIDADE EM OUTRAS LOCALIDADES

Belo Horizonte - 2004

DETALHAMENTO	Fi	%
Sim	3	15%
Não	17	85%
Total	20	100%

Fonte: Aluna do 8º período de Serviço Social da PUC/MG

TABELA 10 - DESENVOLVE A ATIVIDADE EM OUTRAS LOCALIDADES

Salvador – 2002

DETALHAMENTO	Fi	%
Sim	2	10%
Não	18	90%
Total	20	100%

Fonte: Alunas do 5º semestre de Serviço Social da Ucsal

TABELA 11 - MOTIVO QUE OPCIONOU A ESCOLHA DO LOCAL DA ATIVIDADE

Belo Horizonte – 2004		
MOTIVOS	Fi	%
Freqüentou e ficou	3	12%
Conheceu e gostou	2	8%
morava no local	-	-
O ponto é fixo	1	4%
alguém trouxe	1	4%
local mais seguro	7	28%
tem comércio no local	-	-
não pode ir longe	1	4%
o local é calmo	-	-
conheceu alguém no local	-	-
horário acessível	1	4%
local bom	1	4%
local conhecido	1	4%
Não conhece outros locais	2	8%
Outros	5	20%
Total	25	100%

Fonte: Aluna do 8º período de Serviço Social da PUC/MG

Obs. A pergunta admite múltipla resposta

TABELA 11 - MOTIVO QUE OPCIONOU A ESCOLHA DO LOCAL DA ATIVIDADE

Salvador, 2002		
MOTIVOS	Fi	%
Freqüentou e ficou	3	12%
Conheceu e gostou	3	12%
morava no local	3	12%
O ponto é fixo	3	12%
alguém trouxe	3	12%
local bem protegido	2	8%
tem comércio no local	2	8%
não pode ir longe	1	4%
o local é calmo	1	4%
conheceu alguém no local	1	4%
horário acessível	1	4%
local bom	1	4%
local conhecido	1	4%
outros	-	-
Total	25	100%

Fonte: Alunas do 5º semestre de Serviço Social da Ucsal

Obs. A pergunta admite múltipla resposta

TABELA 12 - EXPECTATIVA DIANTE DA PROSTITUIÇÃO

Belo Horizonte - 2004		
EXPECTATIVA	fi	%
conseguir um emprego	2	8%
construir sua casa	2	8%
montar seu próprio negócio	4	15%
outro meio de vida melhor	1	4%
não espero nada	4	15%
espero sair	11	42%
Outros	2	8%
Total	26	100%

Fonte: Aluna do 8º período de Serviço Social da PUC/MG

Obs. A pergunta admite múltipla respost

TABELA 12 - EXPECTATIVA DIANTE DA PROSTITUIÇÃO

Salvador, 2002		
EXPECTATIVA	fi	%
conseguir um emprego	1	4%
construir sua casa	1	4%
montar seu próprio negócio	3	13%
outro meio de vida melhor	3	13%
não espero nada	5	21%
espero sair	11	46%
Outros	-	-
Total	24	100%

Fonte: Alunas do 5º semestre de Serviço Social da Ucsal

Obs. A pergunta admite múltipla resposta

TABELA 13 - INFLUÊNCIA PARA O INGRESSO NA ATIVIDADE

Belo Horizonte – 2004

INFLUÊNCIA	f1	f2
Sim	11	55%
Não	9	45%
Total	20	100%

Fonte: Aluna do 8º período de Serviço Social da PUC/MG

TABELA 13 - INFLUÊNCIA PARA O INGRESSO NA ATIVIDADE

Salvador – 2002

INFLUÊNCIA	f1	f2
Sim	10	50%
Não	10	50%
Total	20	100%

Fonte: Alunas do 5º semestre de Serviço Social da Ucsal

TABELA 14 - EXISTÊNCIA DE PESSOAS PRÓXIMAS NA MESMA ATIVIDADE

Belo Horizonte - 2004

PESSOAS PRÓXIMAS NA MESMA ATIVIDADE	fi	%
Sim	1	5%
Não	19	95%
Total	20	100%

Fonte: Aluna do 8º período de Serviço Social d

TABELA 14 - EXISTÊNCIA DE PESSOAS PRÓXIMAS NA MESMA ATIVIDADE

Salvador, 2002

PESSOAS PRÓXIMAS NA MESMA ATIVIDADE	fi	%
Sim	5	25%
Não	15	75%
Total	20	100%

Fonte: Alunas do 5º semestre de Serviço Social da Ucsal

TABELA 15 - ABANDONO E RETORNO À ATIVIDADE

Belo Horizonte 2004

JÁ DEIXOU A ATIVIDADE	fi	%
Sim	15	75%
Não	5	25%
Total	20	100%

Fonte: Aluna do 8º período de Serviço Social da PUC/MG

TABELA 15 - ABANDONO E RETORNO À ATIVIDADE

Salvador - 2002

JÁ DEIXOU A ATIVIDADE	fi	%
Sim	17	85%
Não	3	15%
Total	20	100%

Fonte: Alunas do 5º semestre de Serviço Social da Ucsal

TABELA 16 - RELAÇÃO COM A FAMÍLIA NUCLEAR

Belo Horizonte 2004		
DETALHAMENTO	fi	%
sim	15	75%
não	5	25%
Total	20	100%

Fonte: Aluna do 8º período de Serviço Social da PUC/MG

TABELA 16 - RELAÇÃO COM A FAMÍLIA NUCLEAR

Salvador, 2002		
DETALHAMENTO	fi	%
sim	16	80%
não	4	20%
Total	20	100%

Fonte: Alunas do 5º semestre de Serviço Social da Ucsal

TABELA 17 - SUA FAMÍLIA SABE ONDE VOCÊ TRABALHA

Belo Horizonte 2004		
DETALHAMENTO	fi	%
sim	9	45%
não	11	55%
Total	20	100%

Fonte: Aluna do 8º período de Serviço Social da PUC/MG

TABELA 17 - SUA FAMÍLIA SABE ONDE VOCÊ TRABALHA

Salvador, 2002		
DETALHAMENTO	fi	%
sim	16	80%
não	4	20%
Total	20	100%

Fonte: Alunas do 5º semestre de Serviço Social da Ucsa

**TABELA 18 - POSIÇÃO DA FAMÍLIA
FRENTE À ATIVIDADE EXERCIDA**

Belo Horizonte 2004

DETALHAMENTO	fi	%
Critica	1	4%
Humilha	-	-
Indiferente	2	8%
Finge que não sabe	5	19%
Aceita	2	8%
Não sabe que exerce	12	46%
Outras	4	15%
Total	26	100%

Fonte: Aluna do 8º período de Serviço Social da PUC/MG

Obs. A pergunta admite múltipla resposta

**TABELA 18 - POSIÇÃO DA FAMÍLIA
FRENTE À ATIVIDADE EXERCIDA**

Salvador, 2002

DETALHAMENTO	fi	%
Critica	1	4%
Humilha	1	4%
Indiferente	2	8%
Finge que não sabe	2	8%
Aceita	2	8%
Não sabe que exerce	6	25%
outras	10	42%
Total	24	100%

Fonte: Alunas do 5º semestre de Serviço Social da Ucsal

Obs. A pergunta admite múltipla resposta

**TABELA 19 - PRINCIPAIS PROBLEMAS
ENFRENTADOS NA ATIVIDADE**

Belo Horizonte 2004

PROBLEMAS ENFRENTADOS	fi	%
o uso da camisinha	1	3%
pagar diferente do combinado		
indução das colegas		
falsidade das colegas /inveja	6	21%
ser chamada de velha		
problemas financeiros	1	3%
não tem problemas	4	13%
clientes	4	13%
discussão briga inveja	2	7%
humilhação/ discriminação	4	12%
Outros (dificuldade para pagar a diária, grosseria, vergonha)	7	28%
Total	29	100%

Fonte: Aluna do 8º período de Serviço Social da PUC/MG

Obs.: A pergunta admite múltiplas respostas

**TABELA 19 - PRINCIPAIS PROBLEMAS
ENFRENTADOS NA ATIVIDADE**

Salvador, 2002

PROBLEMAS ENFRENTADOS	fi	%
o uso da camisinha	1	4%
pagar diferente do combinado	1	4%
indução das colegas	1	4%
falsidade das colegas	1	4%
ser chamada de velha	2	8%
problemas financeiros	2	8%
não tem problemas	3	12%
clientes	5	19%
discussão briga inveja	5	19%
humilhação/ discriminação	5	19%
outros	-	-
Total	26	100%

Fonte: Alunas do 5º semestre de Serviço Social da Ucsal

Obs.: A pergunta admite múltiplas respostas

TABELA 20 – PRECONCEITO DA SOCIEDADE		
Belo Horizonte 2004		
SOFRE PRECONCEITO	fi	%
Sim	18	90%
Não	2	10%
Total	20	100%

Fonte: Aluna do 8º período de Serviço Social da PUC/MG

TABELA 20 - PRECONCEITO DA SOCIEDADE		
Salvador, 2002		
SOFRE PRECONCEITO	fi	%
Sim	19	95%
Não	1	5%
Total	20	100%

Fonte: Alunas do 5º semestre de Serviço Social da Ucsal

TABELA 21 – POSIÇÃO DAS ENTREVISTADAS FRENTE AO PRECONCEITO		
Belo Horizonte 2004		
CATEGORIAS	fi	%
fica revoltada	2	8%
não se sente discriminada	-	-
reage naturalmente	-	-
indiferente	2	8%
sente-se discriminada	5	18%
Não liga	10	37%
Não respondeu	3	11%
Outras	5	18%
Total	27	100%

Fonte: Aluna do 8º período de Serviço Social da PUC/MG
Obs.: A pergunta admite múltipla resposta

TABELA 21 - POSIÇÃO DAS ENTREVISTADAS FRENTE AO PRECONCEITO		
Salvador, 2002		
CATEGORIAS	fi	%
fica revoltada	1	4%
não se sente discriminada	1	4%
reage naturalmente	2	8%
indiferente	3	12%
sente-se discriminada	4	16%
não liga	8	32%
outras	7	28%
Total	26	100%

Fonte: Alunas do 5º semestre de Serviço Social da Ucsal
Obs.: A pergunta admite múltipla resposta

TABELA 22 – TEMER REVELAR O QUE FAZ		
Belo Horizonte 2004		
DETALHAMENTO	fi	%
Sim	17	85%
Não	3	15%
Total	20	100%

Fonte: Aluna do 8º período de Serviço Social da PUC/MG

TABELA 22 - TEMER REVELAR O QUE FAZ		
Salvador, 2002		
DETALHAMENTO	fi	%
Não	4	20%
Sim	16	80%
Total	20	100%

Fonte: Alunas do 5º semestre de Serviço Social da Ucsal

TABELA 23 – SOFREU VIOLÊNCIA POR CAUSA DA ATIVIDADE

Belo Horizonte 2004

SOFREU VIOLÊNCIA	fi	%
Sim	13	65%
Não	7	35%
Total	20	100%

Fonte: Aluna do 8º período de Serviço Social da PUC/MG

TABELA 23 - SOFREU VIOLÊNCIA POR CAUSA DA ATIVIDADE

Salvador, 2002

SOFREU VIOLÊNCIA	fi	%
Sim	13	65%
Não	7	35%
Total	20	100%

Fonte: Alunas do 5º semestre de Serviço Social da Ucsal

TABELA 23.1 – TIPO DE VIOLÊNCIA

Belo Horizonte 2004

CATEGORIA	fi	%
Estupro		
Agressão	2	15%
Física	7	54%
Discussão	1	8%
Moral	3	23%
Total	13	100%

Fonte: Aluna do 8º período de Serviço Social da PUC/MG

TABELA 23.1 - TIPO DE VIOLÊNCIA

Salvador, 2002

CATEGORIA	fi	%
Estupro	1	6%
Agressão	2	12%
Física	3	18%
discussão	3	18%
Moral	8	47%
Total	17	100%

Fonte: Alunas do 5º semestre de Serviço Social da Ucsal

TABELA 24 – PROVIDÊNCIA TOMADA

Belo Horizonte 2004

PROVIDÊNCIA TOMADA	fi	%
bateu na pessoa		
Resposta à altura	2	15%
ficou quieta/não discutiu		
Nenhuma	4	31%
chamou a polícia	2	15%
Outros	5	38%
Total	13	100%

Fonte: Aluna do 8º período de Serviço Social da PUC/MG

TABELA 24 – PROVIDÊNCIA TOMADA

Salvador, 2002

PROVIDÊNCIA TOMADA	fi	%
bateu na pessoa	1	7%
Resposta à altura	1	7%
ficou quieta/não discutiu	2	14%
Nenhuma	5	36%
chamou a polícia	5	36%
outros	-	-
Total	14	100%

Fonte: Alunas do 5º semestre de Serviço Social da Ucsal

TABELA 25 – USO DO APELIDO OU "NOME DE GUERRA"		
Belo Horizonte 2004		
USA APELIDO	fi	%
Sim	3	23%
Não	17	77%
Total	20	100%

Fonte: Aluna do 8º período de Serviço Social da PUC/MG

TABELA 25 – USO DO APELIDO OU "NOME DE GUERRA"		
Salvador, 2002		
USA APELIDO	fi	%
Sim	8	40%
Não	12	60%
Total	20	100%

Fonte: Alunas do 5º semestre de Serviço Social da Ucsal

TABELA 26 - GOSTARIA QUE A ATIVIDADE FOSSE LEGALIZADA?		
Belo Horizonte 2004		
DETALHAMENTO	fi	%
Sim	12	55%
Não	7	39%
Tanto faz	1	5%
Total	20	100%

Fonte: Aluna do 8º período de Serviço Social da PUC/MG

TABELA 26 - GOSTARIA QUE A ATIVIDADE FOSSE LEGALIZADA?		
Salvador, 2002		
DETALHAMENTO	FI	%
Sim	9	45%
Não	11	55%
Total	20	100%

Fonte: Alunas do 5º semestre de Serviço Social da Ucsal

TABELA 27 - COMO SE SENTE NA ATIVIDADE QUE EXERCE

Belo Horizonte 2004		
COMO SE SENTE	fi	%
Revoltada/humilhada, vergonha	2	6%
sem amigos	-	-
Cansada	1	3%
Chateada	1	3%
tem vergonha	1	3%
Feliz	2	6%
Normal	2	6%
infeliz/não se sente bem	8	31%
rejeição/humilhada	3	11%
Bem	8	31%
Total	28	100%

Fonte: Aluna do 8º período de Serviço Social da PUC/MG

Obs.: A pergunta admite múltiplas respostas

TABELA 27 - COMO SE SENTE NA ATIVIDADE
Salvador, 2002

COMO SE SENTE	fi	%
Revoltada	1	3%
sem amigos	1	3%
Cansada	1	3%
Chateada	1	3%
tem vergonha	2	7%
Feliz	3	10%
Normal	3	10%
infeliz/não se sente bem	5	17%
rejeição/aceitação	6	21%
Bem	6	21%
Total	29	100%

Fonte: Alunas do 5º semestre de Serviço Social da Ucsal

Obs.: A pergunta admite múltiplas respostas

TABELA 28 - O QUE A LEVA A PERMANECER

Belo Horizonte 2004		
MOTIVOS	fi	%
sem condições de sair	1	3%
idade avançada	-	-
Doença	-	-
sem ajuda	-	-
Prisão	-	-
poupança para abrir um negócio	2	7%
Solidão	-	-
facilidade para ganhar dinheiro	2	7%
difficuldade de arrumar emprego	9	33%
difficuldade financeira	11	41%
Drogas	3	9%
Total	28	100%

Fonte: Aluna do 8º período de Serviço Social da PUC/MG

Obs.: A pergunta admite múltiplas resposta

TABELA 28 - O QUE A LEVA A PERMANECER

Salvador, 2002		
MOTIVOS	fi	%
sem condições de sair	1	4%
idade avançada	1	4%
Doença	1	4%
sem ajuda	1	4%
Prisão	1	4%
poupança para abrir um negócio	1	4%
Solidão	1	4%
facilidade para ganhar dinheiro	1	4%
difficuldade de arrumar emprego	5	18%
difficuldade financeira	15	54%
drogas	-	-
Total	28	100%

Fonte: Alunas do 5º semestre de Serviço Social da Ucsal

Obs.: A pergunta admite múltiplas respostas

TABELA 29 – HABILIDADES EM OUTROS SERVIÇOS

Salvador, 2002

**TABELA 29 – HABILIDADES EM
OUTROS SERVIÇOS**

Belo Horizonte 2004

HABILIDADE	fi	%
lavadeira	1	3%
Camelô	1	3%
Balconista	1	3%
manicure	2	6%
Auxiliar de escritório	1	3%
Arrumadeira	2	6%
recepcionista	2	6%
Telefonista	1	3%
garçonete	-	-
Babá	1	3%
Doceira	-	-
Salgadeira	1	3%
vendedora	5	15%
artesanã	1	3%
costureira	1	3%
cozinheira	3	9%
serviços gerais	5	15%
doméstica	4	12%
Outros	2	6%
Total	34	100%

Fonte: Aluna do 8º período de Serviço Social da PUC/MG

Obs.: A pergunta admite múltiplas respostas

**TABELA 30 – PARTICIPAÇÃO EM GRUPOS
LIGADOS A ATIVIDADE PROSTITUCIONAL**

Belo Horizonte 2004

DETALHAMENTO	fi	%
Sim	7	35%
Não	13	65%
Total	20	100

Fonte: Aluna do 8º período de Serviço Social da PUC/MG

**TABELA 30 – PARTICIPAÇÃO EM GRUPOS
LIGADOS A ATIVIDADE PROSTITUCIONAL**

Salvador, 2002

DETALHAMENTO	fi	%
Sim	10	50%
Não	10	50%
Total	20	100%

Fonte: Alunas do 5º semestre de Serviço Social da Ucsal

TABELA 31 - REAÇÃO QUANDO IDENTIFICADA

Belo Horizonte 2004

CATEGORIAS	fi	%
Vai ao encontro da pessoa	6	27%
Finge que não vê	4	17%
Fica indiferente	4	17%
Se esconde	2	9%
Disfarça		
Outros – Discreta/sem graça	7	30%
Total	23	100

Fonte: Aluna do 8º período de Serviço Social da PUC/MG

Obs.: A pergunta admite múltiplas respostas

TABELA 31 - REAÇÃO QUANDO IDENTIFICADA

Salvador, 2002

CATEGORIAS	fi	%
Vai ao encontro da pessoa	1	4%
Finge que não vê	3	11%
Fica indiferente	3	11%
Se esconde	4	15%
Disfarça	6	22%
Outros	10	37%
Total	27	100%

Fonte: Alunas do 5º semestre de Serviço Social da Ucsal

TABELA 32- RELAÇÃO COM OUTRAS MULHERES QUE EXERCEM A MESMA ATIVIDADE

Belo Horizonte 2004

QUALIDADE DA RELAÇÃO	fi	%
de carinho	-	-
não tem amizade	2	5%
não tem ligação	-	-
sincera	1	3%
evita conflito	5	13%
há muita fofoca/ inveja	5	13%
é relativa	-	-
formal	-	-
ruim	2	5%
se dá com todas	1	3%
Ótima	3	8%
Falsa, não há confiança	3	8%
razoável	9	26%
Boa	6	16%
Total	36	100

Fonte: Aluna do 8º período de Serviço Social da PUC/MG

Obs.: A pergunta admite múltiplas respostas

TABELA 32- RELAÇÃO COM OUTRAS MULHERES QUE EXERCEM A MESMA ATIVIDADE

Salvador, 2002

QUALIDADE DA RELAÇÃO	fi	%
de carinho	1	2%
não tem amizade	1	2%
não tem ligação	1	2%
sincera	1	2%
evita conflito	2	5%
há muita fofoca	2	5%
é relativa	2	5%
formal	2	5%
ruim	3	7%
se dá com todas	4	9%
Ótima	4	9%
Falsa	5	12%
razoável	5	12%
Boa	10	23%
Total	43	100%

Fonte: Alunas do 5º semestre de Serviço Social da Ucsal

Obs.: A pergunta admite múltiplas respostas

7.B - ENTREVISTA ESTRUTURADA APLICADA NO CENTRO HISTÓRICO DE SALVADOR

Aluna: _____

Local: _____

Data: _____

1. Qual sua idade ?

- 1 – () Abaixo de 15
- 2. () 15 – 20 anos
- 3. () 20 – 25 anos
- 4. () 25 – 30 anos
- 5. () 30 – 35 anos
- 6. () 35 – 40 anos
- 7. () 40 – 45 anos
- 8. () 45 – 50 anos
- 9. () mais de 50 anos

2. Você é natural de onde?

- 1 – () Salvador
- 2 – () interior da Bahia
- 3 – () outra capital do NE
- 4 – () outro interior do NE
- 5 – () outros Estados.

Especificar _____

3. Qual seu grau de Escolaridade

- 1. Analfabeta
- 2. () 1º Grau incompleto
- 3. () 1º Grau completo
- 4. () 2º Grau incompleto

5. () 2º Grau completo

9. () N.D.

4. Onde você mora?

1 – () Subúrbio

2 – () Periferia

3 – () Centro

4 – () Orla

5 – () Outros. Especificar

5. Possui filhos?

1 – () Sim. Quantos? _____

2 – () Não

6. Você tem algum vício?

		Sim	Não
1.	Fuma	()	()
2.	Bebe	()	()
3.	Drogas	()	()
4.	Especificar	_____	

7. Com quantos anos você ingressou nesta atividade?

8. Quais os motivos que levaram você a essa atividade?

9. O que é a prostituição para você ?

10. Desenvolve esta atividade em outras localidades?

1. () Sim. Onde? _____
2. () Não. Por que? _____

11. Por que optou pelo Centro – Histórico?

12. Qual sua expectativa diante dessa atividade?

13. Alguém influenciou você na escolha dessa atividade?

1. () Sim. Como? _____
2. () Não

14. Tem alguém próximo a você que exerça essa atividade?

1. () Sim. Quem? _____
2. () Não

15. Já deixou essa atividade e retornou por algum motivo?

1. () Sim. Por que retornou? _____
2. () Não

16. Mantém relação com a sua família nuclear ?

- 1 – () Sim
- 2 – () Não . Por que ? _____

17. Sua Família sabe onde você trabalha?

1 – () Sim . Quem ? _____

2 – () Não

18. Como sua família se posiciona diante da seu “trabalho” ?

1 – () Aceita

2 – () Finge que não sabe

3 – () Indiferente

4 – () Nega

5 – () Critica

6 – () Humilha

7 – () Outras . Especificar _____

8 – () Não sabe o que exerce

19. Quais os principais problemas enfrentados na sua atividade ?

20. Você acha que a sociedade tem preconceito com relação a essa atividade ?

1 – () Sim. Como ? _____

2 – () Não. Por que ? _____

Se não, pule a seguinte.

21. Como você reage diante desse Preconceito?

0 – () NA

1 – () Não liga

2 – () Fica brava

3 – () Se sente discriminada

4 – () Indiferente

5 – () Outros. Especificar _____

22. Teme revelar o que faz?

1 – () Sim. Por que? _____
Não. Por que? _____

23. Já foi vítima de algum tipo de violência físico – moral por causa dessa atividade?

1 – () Sim. Como? _____
2 – () Não. (passe para a questão 43)

24. Que providências tomou?

25. Usa algum apelido ou nome de “guerra” na sua atividade?

1. () Sim. Por que? _____
2. () Não. Por que? _____

26. Você gostaria que essa atividade fosse legalizada como profissão?

1 – () Sim. Por que? _____
2 – () Não. Por que? _____

27. Como se sente na sua atividade?

28. O que a leva a permanecer?

29. Você tem alguma habilidade em outros serviços?

30. Participa de algum grupo ou movimento ligado a sua “atividade profissional”?

- 1 – () Sim. Qual? _____
- 2 - () Não. Por que? _____

31. Como reage quando é identificada por algum conhecido?

- 1 – () Se esconde
- 2 – () Finge que não vê
- 3 – () Disfarça
- 4 – () Fica indiferente
- 5 – () Vai ao encontro da pessoa
- 6 – () Outra. Especificar
- _____

32. Como é sua relação com as outras mulheres que batalham na mesma área?

- 1 – () Ótima
- 2 – () Boa
- 3 – () Razoável
- 4 - () Ruim

Justifique _____

7.C - ENTREVISTA ESTRUTURADA APLICADA NA **REGIÃO CENTRAL DE BELO HORIZONTE**

Aluna: _____

Local: _____

Data: _____

10. Qual sua idade ?

- 1 – () Abaixo de 15
- 11. () 15 – 20 anos
- 12. () 20 – 25 anos
- 13. () 25 – 30 anos
- 14. () 30 – 35 anos
- 15. () 35 – 40 anos
- 16. () 40 – 45 anos
- 17. () 45 – 50 anos
- 18. () mais de 50 anos

3. Você é natural de onde?

- 1 – () Belo Horizonte
- 2 – () Grande Belo Horizonte
- 3 – () Interior de Minas
- 4 – () outra Cidade do Sudeste
- 5 – () outros Estados.

Especificar _____

4. Qual seu grau de Escolaridade

- 6. Analfabeta
- 7. () 1º Grau incompleto

8. () 1º Grau completo
9. () 2º Grau incompleto
10. () 2º Grau completo
9. () N.D.

6. Onde você mora?

- 1 – () Subúrbio
2 – () Periferia
3 – () Centro
4 – () Grande Belo Horizonte
5 – () Outros. Especificar
-

7. Possui filhos?

- 1 – () Sim. Quantos? _____
2 – () Não

8. Você tem algum vício?

- | | Sim | Não |
|----------------|-------|-----|
| 5. Fuma | () | () |
| 6. Bebe | () | () |
| 7. Drogas | () | () |
| 8. Especificar | _____ | |

9. Com quantos anos você ingressou nesta atividade?

10. Quais os motivos que levaram você a essa atividade?

11. O que é a prostituição para você ?

11. Desenvolve esta atividade em outras localidades?

1. () Sim. Onde? _____
2. () Não. Por que? _____

14. Por que optou pelo Centro – Histórico?

15. Qual sua expectativa diante dessa atividade?

16. Alguém influenciou você na escolha dessa atividade?

1. () Sim. Como? _____
2. () Não

15. Tem alguém próximo a você que exerça essa atividade?

1. () Sim. Quem? _____
2. () Não

21. Já deixou essa atividade e retornou por algum motivo?

1. () Sim. Por que retornou? _____
2. () Não

22. Mantém relação com a sua família nuclear ?

- 1 – () Sim
- 2 – () Não . Por que ? _____

23. Sua Família sabe onde você trabalha?

1 – () Sim . Quem ? _____

2 – () Não

24. Como sua família se posiciona diante da seu “trabalho” ?

1 – () Aceita

2 – () Finge que não sabe

3 – () Indiferente

4 – () Nega

5 – () Critica

6 – () Humilha

7 – () Outras . Especificar _____

8 – () Não sabe o que exerce

25. Quais os principais problemas enfrentados na sua atividade ?

26. Você acha que a sociedade tem preconceito com relação a essa atividade ?

1 – () Sim. Como ? _____

2 – () Não. Por que ? _____

Se não, pule a seguinte.

22. Como você reage diante desse Preconceito?

0 – () NA

1 – () Não liga

2 – () Fica brava

3 – () Se sente discriminada

4 – () Indiferente

5 – () Outros. Especificar _____

27. Teme revelar o que faz?

1 – () Sim. Por que? _____
Não. Por que? _____

28. Já foi vítima de algum tipo de violência físico – moral por causa dessa atividade?

1 – () Sim. Como? _____
2 – () Não. (passe para a questão 43)

29. Que providências tomou?

30. Usa algum apelido ou nome de “guerra” na sua atividade?

1. () Sim. Por que? _____
2. () Não. Por que? _____

31. Você gostaria que essa atividade fosse legalizada como profissão?

1 – () Sim. Por que? _____
2 – () Não. Por que? _____

29. Como se sente na sua atividade?

30. O que a leva a permanecer?

33. Você tem alguma habilidade em outros serviços?

34. Participa de algum grupo ou movimento ligado a sua “atividade profissional”?

- 1 – () Sim. Qual? _____
2 - () Não. Por que? _____

35. Como reage quando é identificada por algum conhecido?

- 1 – () Se esconde
2 – () Finge que não vê
3 – () Disfarça
4 – () Fica indiferente
5 – () Vai ao encontro da pessoa
6 – () Outra. Especificar

36. Como é sua relação com as outras mulheres que batalham na mesma área?

- 1 – () Ótima
2 – () Boa
3 – () Razoável
4 - () Ruim

Justifique _____